



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**LARYSSA REGINA PAMPLONA DA COSTA**

**AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS LEXICAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA NO**  
**LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA PROPOSTA**  
**DE ENSINO**

**CAJAZEIRAS – PB**

**2023**

**LARYSSA REGINA PAMPLONA DA COSTA**

**AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS LEXICAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA NO  
DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA PROPOSTA DE  
ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras - Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito para obtenção do título de licenciado em Letras.

**Orientador:** Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

**CAJAZEIRAS - PB**

**2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

C837v	<p>Costa, Laryssa Regina Pamplona da. As variações lingüísticas lexicais da língua portuguesa no livro didático do 6º ano do Ensino Fundamental II: uma proposta de ensino / Laryssa Regina Pamplona da Costa. - Cajazeiras, 2023. 53f. : il. Bibliografia.</p> <p>Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2023.</p> <p>1. Língua Latina- origem. 2. Língua Portuguesa-construção. 3. Variação Lexical. 4. Livro didático - contextualização histórica . 5. Formação do léxico. 6. Língua portuguesa-formação do léxico. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS</p>	C DU – 811.124
-------	--	----------------

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos SaraivaLourenço CRB/15-046

**LARYSSA REGINA PAMPLONA DA COSTA**

**AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS LEXICAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA NO  
DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA PROPOSTA DE  
ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 21/06/2023

**Banca Examinadora:**



---

Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva - Orientador  
(UAL/CFP/UFCG)



---

Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira – Examinador 1  
(UAL/CFP/UFCG)



---

Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa – Examinador 2  
(UAL/CFP/UFCG)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por tudo, pois nada do que Ele me dá é oferecido sem o propósito do bem.

Aos meus pais, pelo amor, apoio e incentivo que serviram de alicerce para as minhas realizações.

Ao meu namorado, Cássio, que me ajudou incontáveis vezes durante esse processo de formação, sempre disposto a me aconselhar e fazer o que fosse possível diante das dificuldades acadêmicas.

A todos os professores(as) que acompanharam a minha trajetória acadêmica e deram apoio em sala de aula. Obrigado pela incansável dedicação, confiança e por tudo que me foi proporcionado, por todo o aprendizado adquirido, tanto pessoal quanto profissional.

Ao meu orientador, Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva, a quem tenho muita admiração, pois conduziu o trabalho com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar todo o seu vasto conhecimento.

O presente trabalho busca descrever a construção da Língua Portuguesa desde sua origem até chegar à língua falada no Brasil atual, com intuito de perceber quais os fatores que contribuíram para que o português apresente variedades lexicais dentro do seu vocabulário, assim como evidenciar o fato dos livros didáticos, geralmente, apresentarem conteúdos fragmentados e descontextualizados referente a essas variações, não estabelecendo relações entre a situação social dos alunos e seu modo de usar a língua e, conseqüentemente, fortalecendo o fato do preconceito linguístico dentro de sala de aula. Para isso, apresentamos o seguinte objetivo geral: analisar a necessidade da abordagem, no livro didático, da inserção da contextualização histórica e a variação lexical a partir da língua latina; assim como os objetivos específicos: destacar a origem da língua latina; apresentar a influência da língua latina na formação do léxico da Língua Portuguesa; discutir como ocorreu a formação da Língua Portuguesa e sua chegada no Brasil com as variações presentes em seu léxico; evidenciar o fato do preconceito linguístico ocorrer como uma certa consequência diante da falta de conteúdos disponibilizados pelo livro didático. Para realizar este trabalho, foram utilizados os aportes teóricos de: Assis (2011), Bagno (2007), Coutinho (2011), Ilari (1999), dentre outros que ajudam a compreender sobre a construção e evolução da língua. Além disso, a pesquisa possui caráter propositivo, visto que a proposta de atividades elaborada é direcionada ao 6º ano do ensino fundamental, com material para refletir sobre a variação linguística do português no Brasil. Para construção desse trabalho, optamos por uma pesquisa de caráter bibliográfico, pois foram consultados materiais escritos como monografias e livros, com abordagem qualitativa. Através da evolução da Língua Portuguesa, percebemos quais os fatores que influenciaram na construção de uma língua diversa e com muitas variedades linguísticas.

Coutinho (2011), Ilari (1999), dentre outros que ajudam a compreender sobre a construção e evolução da língua. Além disso, a pesquisa possui caráter propositivo, visto que a proposta de atividades elaborada é direcionada ao 6º ano do ensino fundamental, com material para refletir sobre a variação linguística do português no Brasil. Para construção desse trabalho, optamos por uma pesquisa de caráter bibliográfico, pois foram consultados materiais escritos como monografias e livros, com abordagem qualitativa. Através da evolução da Língua Portuguesa, percebemos quais os fatores que influenciaram na construção de uma língua diversa e com muitas variedades linguísticas.

**Palavras-chave:** Língua Latina. Língua Portuguesa. Variação Lexical. Ensino.

## ABSTRACT

The present work seeks to observe the constructo of the Portuguese language from its origin until reaching the language spoken in Brazil today, with the aim of perceiving which factors contributed to Portuguese presenting lexical varieties within its vocabulary, as well as highlighting the fact that books didactics, generally, present fragmented and decontextualized contents referring to these variations, not establishing relations between the social situation of the students and their way of using the language. For this, we present the following specific objectives: to highlight the origin of the Latin language; present the influence of the Latin language in the formation of the lexicon of the Portuguese language; discuss how the formation of the Portuguese language occurred and its arrival in Brazil with the variations present in its lexicon; highlight the fact that linguistic prejudice occurs as a certain consequence of the lack of available content; To carry out our work, we used the theoretical contributions of: Bagno (2007), Câmara Júnior (1985), Coutinho (2011), Ilari (1999), Teyssier (2007), among others that help to understand the construction and evolution of the language. In addition, the research has a propositional character, since the proposal of activities elaborated is directed to the 6th year of elementary school, with material to reflect on the linguistic variation of Portuguese in Brazil. For the construction of this work, we opted for a bibliographical research, as written materials such as monographs and books were consulted, with a qualitative approach. Through the evolution of the Portuguese language, we realized which factors influenced the construction of a diverse language with many linguistic varieties.

**Keywords:** Latin. Portuguese. Lexical Variation. Teaching.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	- Mapa dos antigos povos da Península Itálica.....	12
Figura 02	- Expansão de Roma na Península Itálica.....	13
Figura 03	- A Península Ibérica após o domínio romano.....	14
Figura 04	- Divisão da sociedade romana.....	18
Figura 05	- Reconquista da Península Ibérica (1080-1492) pelos cristãos.....	23
Figura 06	- Divisão do território quando o Reino de Portugal estava se formando.....	24
Figura 07	- Batalha de São Mamede.....	25
Figura 08	- Brasil colonial quando os portugueses chegaram em seu território....	29
Figura 09	- Capa do livro didático.....	39
Figura 10	- Sumário: capítulo 1 e 2 do LD.....	40
Figura 11	- Sumário: capítulo 3 e 4 do LD.....	40
Figura 12	- Sumário: capítulo 5 e 6 do LD.....	41
Figura 13	- Sumário: capítulo 7 e 8 do LD.....	41
Figura 14	- Mais da língua/A língua varia.....	42
Figura 15	- O português do Brasil e em Moçambique.....	43
Figura 16	- As diferentes formas de comunicar-se com a língua.....	44
Figura 17	- Preconceito linguístico.....	45
Figura 18	- Variação histórica.....	46
Figura 19	- Gírias.....	47
Tabela 01	- Terminação do latim clássico.....	20
Tabela 02	- Dialectos regionais.....	33

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC	-	Base Nacional Comum Curricular
CFP	-	Centro de Formação de Professores
LA	-	Latim Arcaico
LC	-	Latim Clássico
LD	-	Livro Didático
LL	-	Língua Latina
LP	-	Língua Portuguesa
LV	-	Latim Vulgar
PCNs	-	Parâmetros Curriculares Nacionais
PI	-	Península Ibérica
VL	-	Variação Linguística

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 BREVE HISTÓRICO DA LÍNGUA LATINA.....</b>	<b>12</b>
2.1 LATIM CLÁSSICO E VULGAR.....	15
2.2 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO LATIM CLÁSSICO E DO LATIM VULGAR.....	18
<b>3 FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA .....</b>	<b>22</b>
3.1 FORMAÇÃO DO REINO DE PORTUGAL.....	24
3.2 AS MUDANÇAS DO LATIM PARA O GALEGO-PORTUGUÊS.....	26
<b>4 FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO .....</b>	<b>28</b>
4.1 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS DO BRASIL .....	30
4.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO EDUCACIONAL.....	35
<b>5 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO.....</b>	<b>39</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por intuito abordar a questão do livro didático (LD) não conter orientações e informações suficientes sobre as *Variações Lexicais* presentes no léxico da Língua Portuguesa (LP), assim como evidenciar o fato desse problema acarretar, muitas vezes, o *Preconceito Linguístico* na formação estudantil. Esta questão será analisada a partir do conteúdo veiculado ao 6º ano do ensino fundamental II. A especificidade da escolha deste ano escolar se deu pela percepção de que esse tema deve ser trabalhado inicialmente pelos professores, para que os alunos, ao longo dos anos seguintes, perpassem o que foi compreendido anteriormente. E como afirma Bortoni-Ricardo (2004, p. 35) “a pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados a partir da educação infantil e do ensino fundamental”, ou seja, sobretudo, no ensino que considere a pluralidade de usos da língua de maneira respeitosa em relação aos usuários.

Para adentrar nessa questão de variações, deve-se, inicialmente, compreender que a LP é parte integrante da cultura ocidental, como qualquer outra língua, está associada à evolução. Ela tem suas raízes históricas no latim, e, portanto, recebe sua influência. Originou-se do latim vulgar, até chegar ao português falado atualmente em todo território nacional. Assim como retrata Cereja e Magalhães (1999, p. 48): “embora com o passar dos anos a língua portuguesa tenha ganhado novos contornos e formas, a sua estrutura é fundada na língua latina”.

É evidente a conexidade entre a língua latina (LL) e a LP, o que se pretende com esta pesquisa é realizar uma análise sobre a formação lexical da língua materna a partir da língua latina para que se possibilite uma compreensão consciente dos fatos linguísticos vinculados às variações linguísticas lexicais e como elas estão atreladas ao preconceito linguístico dentro do ambiente escolar.

A motivação encontrada para a abordagem do tema em questão deu-se a partir dos estágios supervisionados em que foi possível observar diretamente a verificação de eventuais lacunas referentes às informações fornecidas no LD do 6º ano de ensino fundamental II, acerca da história da LP no que diz respeito à variação lexical ao longo do tempo.

Tendo consciência que na sociedade, principalmente no âmbito escolar, a variação linguística é uma realidade, torna-se necessário que o processo de ensino/aprendizagem seja mais efetivo perante este tema, e principalmente assertivo com os educandos, para que todos possam compreender a importância e a essência da fala dentro da LP, visto que em

comunidades interioranas há a predominância de variações específicas, e que nem sempre estão presentes no LD ou são abordados pelos professores que muitas vezes a abordam de maneira descontextualizada, podendo motivar o preconceito linguístico em relação a determinados usos.

No do âmbito escolar, por exemplo, estudantes podem sofrer preconceito linguístico ou serem deixados de lado, pois muitos alunos e professores tendem a desconhecer o tema e considerar aquela forma de falar “incorreta”, justamente por não terem apoio de materiais didáticos adequados que busquem tratar essa questão de forma contextualizada, levando os alunos a compreender mais do que somente a teoria sobre as variações. Portanto, diante desse contexto, esse trabalho será direcionado pelos seguintes questionamentos: a) Como é trabalhada a variação histórica lexical nos LD de LP do 6º ano do Ensino Fundamental II? b) O preconceito linguístico é fruto de uma falta de aprofundamento do conteúdo das variações lexicais no livro didático do 6º ano?

A fim de buscar possíveis respostas para essas questões, a presente pesquisa foi pautada no LD: Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem, dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, da editora Moderna, 2018 (válido até 2023), exemplar do aluno (tendo em vista que esse trabalho de pesquisa busca analisar a partir do conteúdo disponibilizado pelo livro didático ao estudante), aplicado no 6º ano do ensino fundamental II. Para essa pesquisa elencamos os seguintes objetivos: geral, argumentar sobre a necessidade da abordagem, no LD, da inserção da contextualização histórica e a variação lexical a partir da LL; e os específicos: desenvolver uma fundamentação que trate da evolução lexical na língua; identificar as possíveis lacunas presentes no LD; e sugerir atividades contextualizadas, a partir da história como uma forma de abordar o tema no ambiente escolar. Tendo em vista que são conhecimentos necessários e que devem estar arraigados nos discentes, de forma a não os limitar apenas às informações trazidas no LD.

Nessa perspectiva, o que se pretende com esse trabalho é estimular os professores a trabalharem com os alunos traçando paralelos e buscando diferenças entre as linguagens oral e escrita, sem promover discriminações ou rotular a oralidade como “errada” e a escrita como “certa”, mas, ao contrário, instigar a compreensão da linguagem formal como uma necessidade, em determinados momentos e contextos, visto que o conhecimento deste tema pelo aluno permite-lhe ter uma visão mais ampla, que inclui não só a norma-padrão, mas, ao mesmo tempo, coloca-o diante de novas visões que vão além do que é considerado e julgado como correto.

A metodologia empregada é de cunho bibliográfico e que, de acordo com Severino (2007), a pesquisa bibliográfica tem caráter pessoal, pois se apoia em documentos impressos como livros, por exemplo. A pesquisa dá-se através de teorias trabalhadas por outros pesquisadores já mencionados e utilizados ao longo da construção dessa. Dessa forma, com a visão de outros autores que dão uma colaboração para pesquisas futuras.

A abordagem será qualitativa, de natureza analítica descritiva. Para Rodrigues e Limena (2006), a pesquisa qualitativa não tem como objetivo avaliar dados estatísticos. É empregada para analisar problemas que não envolvem quantidade. Nesse processo são elaborados conceitos diante de alguns fatos, visando a construção da realidade.

O presente trabalho está organizado em cinco seções, tendo em vista que esta primeira é introdutória, na qual discorremos sobre os objetivos, justificativa e a metodologia para desenvolvimento desta pesquisa.

A segunda seção versa a respeito das origens da LL e seus dois aspectos cada vez mais distintos tanto na fala quanto na escrita, o Latim Clássico (LC) e o Latim Vulgar (LV); além das diversas mudanças que ocorreram no decorrer do tempo, assim como suas características. A terceira seção trata da chegada dos romanos à Península Ibérica (PI), a formação do reino de Portugal, e as mudanças da LL para o galego-português. Na quarta seção, é retratado a chegada dos portugueses ao Brasil e o ensino da LP a partir dos Jesuítas. A quarta expõe a formação da LP, como ocorrem as suas variações linguísticas, seus tipos e características, tanto no português brasileiro como no contexto educacional, apresentando em que a falta de estudos e apoios metodológicos perante este tema pode acarretar: preconceito linguístico. Na quinta seção, apresentamos a análise do LD do 6º ano, Português Linguagens, na busca pela melhor forma para se responder aos objetivos traçados em torno dessa pesquisa. Por último, apresentamos as considerações finais.

## 2 BREVE HISTÓRICO DA LÍNGUA LATINA

A LP pertence ao grupo das línguas românicas, também denominadas de *neolatinas*, resultado das diversas transformações que aconteceram no latim levado à Península Ibérica (PI).

Segundo Assis (s/d), o latim surgiu no século VII a.C., na Itália, especificamente na região do Lácio, pequeno distrito à margem do rio Tibre, na cidade de Roma. A concentração de falantes do Latim estava no centro da Itália, pois ainda não era falada em outras regiões. Abaixo observamos o mapa da Península Itálica, para que possamos observar a região onde estava concentrado o latim.

**Figura 01** - Mapa dos antigos povos da Península Itálica



Fonte: Imagem Google (2023).<sup>1</sup>

Na **Figura 01**, podemos perceber a composição da Península Itálica antes da chegada dos romanos, assim como os povos que habitavam o território e paulatinamente foi

<sup>1</sup> Disponível em: <https://suburbanodigital.blogspot.com/2021/06/mapa-antigos-povos-da-peninsula-italica.html?m=1>. Acesso em: 11 mar. 2023.

modificado a partir da expansão de Roma. Antes do domínio na região, os povos que habitavam a região eram numerosos e apresentavam língua e cultura muito diversificadas.

Dessa forma, devido esse domínio romano no território da Península Itálica, conseqüentemente, a LL começou a aumentar sua concentração de falantes em outras regiões que antes não falavam o latim. Foi nesse período, portanto, que surgiram as línguas neolatinas, que são línguas diretamente provenientes do latim, assim como da evolução nas áreas que pertenceram ao império romano do Ocidente. Algumas dessas línguas neolatinas que surgiram são: o Português, Espanhol, Italiano, Francês, Romeno e Romanche e outras.

**Figura 02 - Expansão de Roma na Península Itálica**



Fonte: Imagem Google (2023).<sup>2</sup>

No mapa acima, é possível observarmos como a expansão romana ocorreu, de acordo com Gonçalves e Basso (2010), a conquista do território da PI ultrapassou o interior da Itália, pois os romanos buscavam novas conquistas, como, por exemplo: a bacia do mar Mediterrâneo.

Existiam duas camadas de população diferentes: a mais antiga- Ibérica – e outra mais recente - os Celtas, que tinham o seu centro de expansão nas Gálias. A partir do século VIII a.C., os celtas começaram a invadir a PI. Embora seu domínio não tenha ocorrido

<sup>2</sup> Disponível em: [https://www.educabras.com/enem/materia/historia/historia\\_geral/aulas/civilizacao\\_romana](https://www.educabras.com/enem/materia/historia/historia_geral/aulas/civilizacao_romana). Acesso em: 11 mar. 2023.

pacificamente, eles tiveram uma enorme influência que perdurou até a conquista definitiva romana. Com o passar dos séculos, os celtas mesclaram-se com os iberos, dando origem aos povos *celtiberos*. Mais tarde, outros povos, como os fenícios, os gregos e os cartagineses formaram colônias comerciais em vários pontos da península.

No entanto, vários conflitos surgiram, entre eles, as disputas entre Cartago e Roma. Como os cartagineses pretendiam apoderar-se do território peninsular, os celtiberos chamaram em socorro os romanos. O controle do mar Mediterrâneo era de Cartago, e os romanos buscavam de todas as formas dominar essa região, por esse motivo, no século III a.C., os romanos invadiram o território com o objetivo de deter a expansão dos cartagineses.

O confronto entre as duas potências, segundo Assis (s/d), decorreu em três guerras, denominadas de Guerras Púnicas, que duraram de 264 a.C. a 146 a.C., em que os romanos foram os vitoriosos, e assim a PI passou para seu domínio. No entanto, os romanos se depararam com uma Península muito desunida, pois além da variedade étnica, a difícil estrutura geográfica contribuía para a fragmentação. Mas, com o passar do tempo, os povos que a habitavam a região terminaram adotando a língua e os costumes romanos.

**Figura 03 - A Península Ibérica após o domínio romano**



Fonte: Imagens Google (2023).<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.vortexmag.net/descubra-como-se-chamava-a-sua-cidade-no-tempo-dos-romanos/>. Acesso em: 12 mar. 2023.

Na imagem acima, observamos a composição do território ibérico após os romanos invadirem suas terras, o que acarretou na modificação da península. Nesse sentido, Assis (s/d) ressalta que os romanos pouco alteraram os espaços territoriais dominados, contudo, não impediu que conseguissem implantar de maneira rápida sua civilização, organizando o comércio e serviço de correio, além de realizar a construção de escolas e implantar o serviço militar.

Diante dos fatores que estavam ocorrendo durante a romanização da Península, o latim foi imposto como idioma oficial nas transações comerciais e em atividades oficiais do território dominado, contribuindo para o avanço na cultura. O início da implantação da LL foi uma conquista que paulatinamente contribuiu para a formação da LP. Nessa perspectiva, aos poucos Roma foi conquistando a Península, chegando ao século V d.C. completamente dominada pelo império romano, tanto nas questões políticas como linguísticas.

## 2.1 LATIM CLÁSSICO E VULGAR

O léxico de uma língua pode variar de acordo com seu contexto de uso, incluindo questões sociais, culturais, políticas e históricas, visto que está em constante mudança com o passar do tempo. Como já foi mencionado anteriormente, aconteceram várias transformações dentro da LL, desde sua expansão até seu total domínio. Nessa perspectiva, a LL apresentava algumas diferenças dentro do seu léxico, pois existiam dois tipos: o *vulgar* e o *literário* (ou *clássico*), como afirma Ilari (1999, p. 57): “Todas as línguas vivas apresentam naturalmente uma variação vertical (correspondente à estratificação da sociedade em classes), e horizontal (correspondente a diferenças geográficas); além disso, os falantes expressam-se de maneiras diferentes conforme o grau de formalidade da situação de fala.”

Com base na afirmação do autor, percebemos que o latim, visto que era a língua de uma sociedade que evolui e torna-se cada vez mais complexa, não poderia escapar a essa regra, portanto, seria normal que apresentasse diferentes socioletos<sup>4</sup>, já que a sociedade romana era formada por vários grupos sociais, como patrícios, plebeus e escravos; além de apresentar desde a época em que foi a língua do Lácio e da Itália central diferentes variedades geográficas, já que teve que se impor a outras línguas, que apresentavam estruturas às vezes muito próxima. Por outro lado, tornando-se a sociedade romana cada vez mais complexa e

---

<sup>4</sup> Socioletos: cada uma das variedades de uma língua utilizadas por grupos de indivíduos que, tendo características sociais em comum, usam termos técnicos, ou gírias, ou fraseados que os distinguem dos demais falantes na sua comunidade; dialeto social, variante diastrática. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socioleto>. Acesso em: 01 jun. 2023.

articulada, é fácil imaginar que se diversificam também as situações de uso da língua: por exemplo, um homem público do final do período republicano não utilizaria a mesma linguagem para discursar no fórum, para escrever cartas aos amigos e familiares ou para dirigir-se a seus serviços.

Nessa perspectiva, o LC, também chamado pelos romanos de *sermo urbanus*, era considerada uma língua literária, conservadora e resistente às inovações, visto que buscava a correção gramatical e estilística. Era caracterizada, principalmente, pelo vocabulário requintado, polido e pela elegância do seu estilo. Isso ocorreu especialmente entre os séculos I a.C e I d.C., considerado período clássico, e era praticada pela elite e utilizada nas escolas e nas obras de grandes escritores latinos, como: Cícero, César, Virgílio e Horácio.

O LC buscava empregar as palavras sinônimas, com suas gradações, por exemplo: em *crus* e *perna*, a palavra *crus* era a perna humana, enquanto *perna* denominava somente a dos animais. O LV confundiu as diferenças dos significados, e muitas vezes abandonava uma das palavras e mantinha apenas o significado da outra, como as palavras *homo* e *vir*, que passaram a empregar apenas a forma: *hominem* (homem). O LC estava relacionado com a escrita, e ao uso por pessoas que costumavam escrever e ler, consideradas letradas, possuíam o hábito de utilizar essa modalidade da LL, pois a língua escrita era predominantemente usada na literatura.

Essa variedade do latim, durante muito tempo, foi utilizada em muitos documentos, graças ao trabalho dos copistas da Idade Média; por ela se interessaram estudiosos de todos os tempos e em particular os humanistas da Renascença europeia; por isso ela é ainda hoje a variedade do latim a que as pessoas cultas melhor conhecem; não se deve, porém, esquecer que o LC é apenas uma das variedades do latim, ligada à criação de uma literatura aristocrática e artificial, não a língua oficial.

Já o LV, outra variação do latim, aparece então como a língua que as várias camadas sociais da população romana que não tinham acesso à cultura formal e à escrita a utilizavam na comunicação. Não fica excluído que essa variedade pudesse ser falada também pela aristocracia em situações extremamente informais, mas certamente não é essa a característica que a define. Nesse sentido, Assis (s/d, p. 120) afirma que:

Também chamado de *sermo vulgaris*, foi levado pelos soldados, colonos, e funcionários romanos a todas as regiões do Império Romano. Sujeito a influências locais de costumes, raças, clima, e outros fatores, o latim vulgar veio a fracionar-se em diferentes dialetos, o que resultou, logo a seguir, nas línguas românicas.

Na figura abaixo, estão expostas a representação de como era a divisão da sociedade romana naquela época, para facilitar a compreensão de como estava dividida essas modalidades da LL na civilização romana.

**Figura 04 - Divisão da sociedade romana**



Fonte: Imagem Google (2023).<sup>5</sup>

A divisão do LV resultou em novas línguas, e isso ocorreu devido às influências e diferenças que os falantes enfrentavam no uso cotidiano da língua. Assim alguém que mora em uma região, quando entra em contato com novos costumes, com uma população nova, costuma assimilar as inovações em seu uso, e por mais que seja uma única língua falada, ocorrem várias distinções dentro do dialeto. Nesse sentido, Ilari (1999) ressalta que o LV inovou a língua que o povo estava acostumado a usar, seja na fala ou na escrita. [...] enquanto o latim literário permanecia relativamente estável como língua da escrita e como a língua falada de todas as situações formais, o latim vulgar foi derivando para variedades regionais que, no fim do primeiro milênio, já prefiguravam as atuais línguas românicas” (p. 62).

Portanto, a grande diferença entre as duas variedades do latim não é cronológica (o LV não sucede ao LC), nem ligada à escrita, senão social. As duas variedades refletem duas culturas que conviveram em Roma: de um lado a de uma sociedade fechada, conservadora e aristocrática, cujo primeiro núcleo seria constituído pelo patriciado; de outro, a de uma classe social aberta a todas as influências, sempre acrescida de elementos “básicos”, a partir do primitivo núcleo da plebe.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/republica-romana/amp>. Acesso em: 14 mar. 2023.

## 2.2 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO LATIM CLÁSSICO E DO LATIM VULGAR

Como já foi abordado anteriormente, o latim sofreu diversas transformações nas várias regiões nas quais foi utilizado, resultando em línguas diferentes, assim esse processo é o resultado de duas variantes: o clássico e o vulgar, duas modalidades utilizadas por povos diferentes, e que se apresentam com características fonéticas, morfológicas e sintáticas distintas.

Nesse sentido, as palavras, no LC, eram divididas em cinco grandes grupos, chamadas declinações: I - ae, II - i, III - is, IV - us, V - ei, mas no LV foram reduzidas a três, devido às semelhanças que havia entre as suas desinências casuais (1ª e 5ª; 2ª e 4ª). Isso provocou confusão, pois alguns substantivos da 5, (ei) podiam também ser declinados pela 1º (ae). Por exemplo: luxurieis - ei, ou luxuria - ae. Com os substantivos da 4º (us) e da 2º (-i) o mesmo se verificava, como nos exemplos: domus, us, ou domus, i. Além disso, gerou-se falta de clareza tanto aos que estudavam a língua escrita, bem como aos que utilizavam apenas a língua falada, a mais exigida pela frequência, quantidade de usuários e variações existentes.

No que tange à função sintática, o LC era dividido em seis casos: nominativo (*sujeito e predicativo do sujeito*), vocativo (*vocativo*), acusativo (*objeto direto*), genitivo (*indicando posse ou especificação*), dativo (*objeto indireto*) e ablativo (*agente da passiva e complementos circunstanciais*), esses correspondentes às possibilidades distintas em que uma palavra (*substantivo*) poderia exercer numa oração. Com o passar do tempo e a evolução do latim, esses seis casos foram reduzidos para apenas dois (o *nominativo e o acusativo*), devido ao uso mais frequente de preposições e a ordem analítica que extinguiu e substituiu as desinências de caso pela fórmula engessada de ordenação dos termos da oração, sujeito-verbo-objeto, além de fazer também o uso de artigos, estes, inexistentes em latim. O nominativo corresponde ao caso reto (*sujeito*), enquanto o acusativo, ao caso oblíquo (*complementos*), Ex.: no latim clássico: Liber Petri (o livro de Pedro); no LV: illu libru de Petro.

Quanto aos gêneros, no LC, eram três, *masculino, feminino e neutro* foram resumidos apenas em dois, o *masculino e feminino*, abandonando o neutro que antes era usado para designar nenhum sexo, um paralelo entre o masculino e feminino. Esse gênero desapareceu no português devido a semelhança que havia no plural com o feminino, pois o gênero neutro terminava em *-a* no nominativo e no acusativo. Por outro lado, os nomes neutros passaram para o gênero masculino ocorreu devido esses nomes terminarem em *-us* e o gênero neutro em

-um. Dessa forma, essas semelhanças fizeram os nomes neutros do latim passarem para o gênero masculino no português.

As demais funções que eram inerentes aos outros casos extintos, ficaram sob a alçada do acusativo com preposição. Essa ordem já predominava na língua vulgar do povo romano, que passou às línguas neolatinas. Com o passar do tempo, houve mais uma redução, de dois casos para apenas um, que, de acordo com Coutinho (2011), essa redução dos casos a apenas um justifica-se mais como um fenômeno sintático do que fonético.

O acusativo é que permanece, dando procedência às palavras da nossa língua. Por isso, quanto à formação do léxico, o caso mais importante, chamado lexicogênico, pois dele se forma a maioria das palavras da LP. Além disso, a indicação do número (singular/plural). De acordo com Coutinho (2011), o nominativo que era o caso do sujeito desaparece, sendo substituído pelo acusativo. Por exemplo: rosam (acusativo singular), nesse caso o (m) desaparece e obtemos assim a forma no singular rosa (m). E no plural o acusativo já se concluía em (s). Exemplo: rosas. Isso é um fato que acontecia em todas as declinações.

Para demonstrarmos como as palavras da LP são formadas predominantemente pelo acusativo, temos o exemplo: *veritas* (nominativo singular), *veritatem* (acusativo singular). Percebe-se, portanto, que a palavra *verdade* não se origina do nominativo singular, mas do acusativo, havendo a supressão do (i) intervocálico e sonorização da consoante (t). Segundo Coutinho (2011), outros casos deixaram marcas no léxico da LP, como por exemplo, os nomes próprios (Lucas) que procederam do nominativo; do genitivo (agricultura); do dativo (crucifixo) e no ablativo, alguns advérbios (*hac ora* agora, *tali vice* talvez).

Outro fator relevante na formação do léxico foi o desaparecimento do gênero neutro, que incidiu para a LP em substantivos do gênero masculino (*tempus* = tempo) e do gênero feminino (*vestimentum* = vestimenta). Esse fator se justifica porque o neutro plural no latim termina em (a) no nominativo, acusativo e vocativo.

Já no tocante às palavras, elas se dispunham na frase, em LV, segundo a ordem natural da elaboração do pensamento, ou seja, sujeito + verbo + objeto ou predicativo, divergindo do latim clássico. Com o passar do tempo e a manutenção dessa sequência quase que invariavelmente, essa função acabou por se fixar na frase. Ex.: *Deus vidit hominem* (Deus vê o homem), independente da ordem o sentido permanece porque a função sintática está definida pela morfologia. Sendo assim, não havia mais a necessidade da manutenção de dois casos. Ao longo do tempo o latim sofreu inúmeras modificações no contato com as línguas faladas na península, a ponto de constituir-se numa língua específica, portuguesa.

No LC literário existiam quatro conjugações que eram reconhecidas pelas terminações dos infinitivos, como mostra a tabela a seguir:

**Tabela 01** - Terminação do latim clássico

CONJUGAÇÃO			
1ª	2ª	3ª	4ª
-are	-ēre	-ĕre	-ire

Fonte: Bagno (2007, p. 32).

Já para o LV, havia apenas três conjugações, pois a 2ª (-ēre) e a 3ª (-ĕre), esta última, considerada mais pobre, apresentavam entre ambas, algumas dúvidas quanto às terminações verbais e assim, foram modificadas da PI, com exceção dos verbos com terminação em (-ire). No entanto, para o português brasileiro, além dos verbos engessados e originários do latim, surgiram algumas formas distintas e particulares para expressá-los, o uso, por exemplo, do verbo auxiliar. É o que mostra o trecho abaixo:

Ao lado das vozes do verbo que as gramáticas incluem sistematicamente no paradigma da conjugação, o português desenvolveu uma série de perífrases verbais, formadas por meio de um verbo auxiliar. Isso amplia bastante — muito além daquilo que as gramáticas sugerem — as possibilidades de utilizar as bases verbais disponíveis na língua. Considerem-se, por exemplo, as formas (se eu) telefonasse, (eu) telefonarei, (eu) tenho telefonado, (eu) vou telefonar, (eu) acabo de telefonar, (eu) estou telefonando, (eu) vou estar telefonando, (eu) dei uma telefonada. [...]. Ao contrário, interessa perceber que todas essas formas aproveitam uma mesma base lexical e que seu uso é particularmente freqüente (sic): estou telefonando é a forma mais usada para descrever uma ação simultânea à fala (é o verdadeiro presente do indicativo do português do Brasil) e resulta de um processo de formação semelhante ao que deu origem a terei telefonado que, embora seja registrado pelas gramáticas, tem uma freqüência (sic) de uso praticamente nula (ILARI; BASSO, 2006, p. 102 *apud* BAGNO, 2007, p. 38).

Segundo Basso (2010), que também trata sobre a perspectiva da evolução histórica da língua, ao dizermos que o português é uma LL, fica evidente a filiação do português ao latim e também a outras línguas românicas, isto é, às línguas que têm como origem o latim, como é o caso do espanhol, italiano, francês, dentre outras. Para o autor:

Do ponto de vista de sua estrutura gramatical e de seu léxico, dizer que o português é uma língua latina significa dizer que encontramos no latim as palavras que deram origem ao léxico do português, mas também que encontramos certas características sintático-morfológicas específicas do latim e das línguas românicas no português (BASSO, 2010, p. 11).

Diante do exposto acima, podemos inferir que a LL pode ser considerada a língua mãe do nosso português, mas também ampliando um pouco mais a nossa visão sobre o tema, poderíamos questionar sobre a sua gênese. E a partir daí, verificarmos que não só a LL tem influência sobre a portuguesa, mas também outras línguas como indígenas, africanas contribuíram para a formação do léxico e assim não cravarmos uma única origem da nossa língua. Nesse sentido, teríamos que nos referir ao indo-europeu, por exemplo, mas não é o objeto de análise da nossa pesquisa.

Consoante Coutinho (2011), a princípio o que se existia era simplesmente o latim. Depois, o idioma dos romanos estiliza-se, transformando-se num instrumento literário que passa a apresentar dois aspectos que, com o correr do tempo, tornaram-se cada vez mais distintos: o clássico e o vulgar. Nessa perspectiva, podemos afirmar que o português é o próprio latim modificado. “É lícito concluir, portanto, que o idioma falado pelo povo romano não morreu, como erradamente se assevera, mas continua a viver, transformado, no grupo de línguas românticas ou novilatinas” (COUTINHO, 2011, p. 46).

O latim, logo, não está “morto”, mesmo não tendo nenhuma nação a utilizá-lo de forma oficial, como língua materna, entretanto é a língua oficial da Igreja Católica, além disso, até os dias atuais, é frequentemente utilizado nos mais diversos segmentos da sociedade principalmente em nosso país, por exemplo, o latim é empregado em diversas expressões na Advocacia, ou até nas cotidianas do tipo: *a priori* = a princípio, *Et cetera* (etc.) = e outros, *curriculum vitae* = trajetória de vida, *modus operandi* = modo de agir. Além disso, na publicidade o que está associado ao latim é tratado com maior ênfase e maior status, traz certa credibilidade, uma visibilidade diferenciada. Isso pode ser visto em diversas marcas bastante conhecidas, como: *Lux*, que teve seu nome inspirado no latim, mais exatamente da palavra “lux”, que significa “luz”, também vemos a marca luxuosa de automóveis *Audi* que tem o nome de seu fundador, August (August Horch), traduzido para o latim que vem do imperativo do verbo áudio (ouvir).

### 3 FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Na seção anterior, abordamos sobre a construção da LL, durante as expansões territoriais, o processo de modificação do latim, suas variações (LC e LV), assim como as suas características. Como também visto, o Império Romano conseguiu dominar vários territórios, incluindo a Península Itálica e depois a PI, foram justamente nessas regiões do território ibérico que surgiram as línguas românicas, advindas do latim, incluindo o português.

Diante das evoluções da LL, e sua junção com as línguas primitivas, surgiram as línguas neolatinas (românicas), que são de origem latina e que influenciaram na formação dessas línguas. Algumas das mais populares são o Espanhol, Português, Francês, Provençal (falado na região da Provença, em algumas regiões da Suíça e no sul da França), e italiano.

Conforme Assis (s/d), após a PI ser dominada por Roma, outra invasão ocorreu, os bárbaros germânicos chegaram às terras ibéricas a partir do século VI d.C., época em que o latim já havia passado por várias modificações após a queda do Império Romano no ocidente, em 476 d.C. Inicialmente os suevos e vândalos dominaram o território, seguidos pelos visigodos e os alanos. Alguns povos bárbaros como os burgúndios, francos, saxões, alamanos, longobardos e normandos espalharam-se nas terras do Império Romano devido estarem fugindo do povo huno.

Os suevos fundaram um enorme reino após sua instalação na península, resistindo por muito tempo aos visigodos, porém, em 570 d.C. o reino diminuiu, reduzindo-se à Gallaecia e aos bispados lusitanos de Viseu e Conimbriga. Durante o período entre 585 até 711, os visigodos conseguiram estabelecer-se, conquistar e dominar grande extensão do território ibérico. Os visigodos auxiliaram na queda do Império Romano, modificando o dialeto do latim falado, e por essa razão conseguiram maior domínio sobre o território, contudo, foram romanizados e assimilaram vários aspectos da cultura romana, inclusive aceitando não só o cristianismo como sua religião, mas também o LV.

Ocorreu outra invasão no século VIII d.C., quando os árabes, também conhecidos como mouros, chegaram às terras europeias, acostando na península. Esses povos que vieram do Norte da África, possuíam características linguísticas e culturais diferentes dos moradores da região, por isso houve uma interação cultural, religiosa e linguística. Diferente de outros

povos que antes chegaram à península que, de certa forma, assimilaram a cultura, língua e religião do povo peninsular, os mouros não atingiram essa integração, especialmente, nas questões culturais, entretanto houve um convívio, de certo modo, amistoso.

Durante o período de domínio árabe, nas regiões que haviam sido conquistadas em 711 d.C., adotaram a língua árabe como língua oficial, todavia, mesmo com tantas inovações e desenvolvimento em áreas como a ciência, medicina, artes, filosofia, comércio, os conquistadores não conseguiram impor a língua, por isso a LL permaneceu como língua oficial.

Segundo Assis (s/d), quando os reis Fernando e Isabel, que eram católicos, assumiram o reinado, desencadeou o movimento de Reconquista, aproximadamente a partir do século IX, com o declínio do domínio árabe na península. Consequentemente, iniciou-se a formação do território português e o processo de criação de Portugal como Estado Monárquico. Contudo, a língua árabe contribuiu com algumas palavras no vocabulário da LP, como: arroz, aldeia, açude, azeite, zero, e muitas outras palavras que existem até hoje, também são advindas do árabe.

**Figura 05 - Reconquista da Península Ibérica (1080-1492) pelos cristãos**



**Legenda:** Mapa representando a reconquista da Península Ibérica (1080-1492) pelos cristãos.  
**Fonte:** ATLAS Histórico. In: ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. *Toda a História Geral e História do Brasil*. Volume Único. 13 ed. São Paulo: Ática, 2007, p. XVI.

Fonte: Imagens Google (2023).<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/remadiv/a-ocupacao-muculmana-da-peninsula-iberica/>. Acesso em: 06 abr. 2023.

Na figura acima, observamos o território da PI a partir das reconquistas das terras que haviam sido adquiridas pelos árabes, que dominaram o território. Essa figura é importante para compreendermos como os territórios foram modificados para que se iniciasse a formação do Reino de Portugal. Nela também é possível observar algumas diferenças territoriais que foram surgindo na PI no decorrer da Reconquista.

### 3.1 FORMAÇÃO DO REINO DE PORTUGAL

Já a partir de 718 d. C., o rei visigodo Pelágio conseguiu derrotar os árabes e dessa forma começou o processo de Reconquista das terras que estavam sob o domínio árabe. Nesse momento os cristãos haviam se refugiado em castelos que construíram no norte da península, formando o reino da Castela. Diante dessa situação, surgiram as cruzadas, lutas que possuíam o intuito de expulsar os mouros, os muçulmanos da PI, movimento que se espalhou para o sul da península. Mediante a busca por recuperar as terras que haviam sido dominadas pelos árabes a partir dessas conquistas, foram formados os reinos de Leão, Castela e Aragão. O período em que os árabes permaneceram na península ocorreu entre 711 a 1492, quando foram definitivamente expulsos do território ibérico.

**Figura 06** - Divisão do território quando o Reino de Portugal estava se formando



Fonte: Imagens Google (2022).<sup>7</sup>

Disponível em:

<https://m.facebook.com/Associacao.dos.Autarcas.Monarquicos/photos/a.1653950234878985/1624622927811716/?type=3&source=57>. Acesso em: 09 abr. 2023.

No mapa acima, apresenta a divisão do território quando o Reino de Portugal estava se formando, na época da ocupação dos mulçumanos, porém aos poucos os reis cristãos conseguem reconquistá-lo. Nessa divisão, observamos o Condado Portucalense que posteriormente formará Portugal.

Os franceses D. Raimundo e D. Henrique eram descendentes dos reis da França. Segundo Assis (s/d), os dois entraram nessa luta com o intuito de libertar o território ibérico dos árabes e por isso foram recompensados pelo rei de Leão e Castella. O nobre D. Raimundo se casou com a filha do rei, foi nomeado como governador do Condado de Galiza. D. Henrique foi nomeado como governador do Condado Portucalense, e se casou com a outra filha do rei, com quem teve quatro filhos, sendo apenas um menino chamado Afonso Henriques, que futuramente viria a ser o primeiro rei e fundador do Reino de Portugal.

A esposa de D. Henrique precisou assumir o governo do condado, pois o seu marido faleceu quando Afonso Henrique tinha 3 anos de idade. Depois de ocorrer esse fato, as lutas continuaram, já que a viúva de D. Henrique se envolveu com um fidalgo galego D. Fernão Peres de Trava, anos após a morte do marido. O fidalgo tinha a intenção de assumir o controle da Galiza, denominado de Condado Portucalense, que era comandado pela viúva do governador D. Henrique. Em 1128, Afonso Henrique iniciou uma luta contra as tropas de sua mãe, por não aceitar o que estava sendo imposto. Essa luta ficou conhecida como a Batalha de São Mamede, saindo vitorioso Afonso Henrique, obtendo a independência portuguesa diante da Galiza.

**Figura 07 - Batalha de São Mamede**



A **Figura 07** retrata a Batalha de S. Mamede, luta que aconteceu entre Afonso Henrique e sua mãe D. Teresa, pois o companheiro de Teresa vinha cada vez mais tomando decisões sobre o governo do reino e buscava apoderar-se do território portugalense. Vencida pelas tropas do seu filho, D. Teresa foi obrigada a deixar o comando do Condado Portugalense.

### 3.2 AS MUDANÇAS DO LATIM PARA O GALEGO-PORTUGUÊS

O Reino Português foi constituído no século XII, quando Afonso I filho do conde da Borgonha havia reconquistado quase a parte total meridional do território onde Portugal estava situado, e se tornou independente do seu primo Afonso VII, na batalha de São Mamede (1128).

Nesse sentido, segundo Teyssier (s/d), Portugal se separou do reino de Leão comandado pelo rei Afonso VII, e conseguiu quebrar os laços também com a Galícia, criando uma fronteira que isolava a Galícia de Portugal. Contudo, apesar da separação com o norte da Galícia, o Portugal que se tornou independente estendeu-se pelo Sul e juntou as terras que haviam sido reconquistadas dos mouros. Após se isolar da Galícia e fazer junção às regiões que foram reconquistadas, o centro de Portugal foi transferido para o sul, que antes estava no norte do território. Nesse processo de expansão, Guimarães foi o local em que o primeiro rei possuía sua residência principal. Em 1255, o rei Afonso III se desloca até Lisboa, permanecendo a cidade para sua morada, e desde então a cidade permaneceu sendo a capital do país.

Após as invasões germânicas, chegando na PI no século V, a Europa fragmentou-se politicamente, levando a queda do império romano de todo o ocidente. Por volta do século VII d.C., o LV acentuou-se e deixou de ser utilizado por todo o antigo império, dando espaço a novas línguas tais quais sejam os romances, que eram utilizados principalmente, na Gália, na Récia, na Ibéria, bem como na Dalmácia.

A língua galego-portuguesa, também chamada de galaico-português, proto-galego-português, português antigo, português arcaico, galego antigo ou galego arcaico, surgiu no norte do país, e se espalhou pelas regiões meridionais que antes falavam a linguagem

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://ataqueaberto.blogspot.com/2019/06/24-de-junho-de-1128-batalha-de-sao.html?m=1>. Acesso em: 09 abr. 2023.

moçárabe, devido a influência que ocorreu durante o período de ocupação dos mouros nesta região.

O território português aos poucos foi se formando, enquanto as batalhas ocorriam, as terras que estavam ocupadas pelos mouros, começaram a ser recuperadas, e como consequência estava em construção o Reino de Portugal. Segundo Faraco (2016), nesse período, o território praticamente ficou definido, e o reconhecimento da Igreja Católica oficializou a independência do território português, que antes pertencia a diversas culturas e religiões diferentes, esse reconhecimento deu-se quando o Papa Alexandre III, em 1179, realiza a legitimação do rei nas questões políticas. Com a formação de Portugal, a religião Católica passou a ser considerada a principal, de grande importância para os portugueses.

Com o início da reconquista cristã da PI, o galego-português consolidou-se como língua falada e escrita da Lusitânia, ao passo que os portugueses iam empurrando os Árabes para o sul da península os dialetos portugueses iam diferenciando-se do galego-português e misturando-se com os moçárabes, culminando mais tarde com a escolha do português como língua oficial de Portugal, tendo o galego sido absorvido pela unidade castellana.

Alguns documentos atestam que o galego-português veio definir-se por volta do século IX quando levado no movimento da reconquista do sul da PI contra os muçulmanos que ali se encontravam. Escritos detalham a existência do galego-português que é proveniente do latim na escrita de palavras como *ESTRATA* (ESTRADA), *CORNELIO* (COELHO), entre outras.

No século XII surgiram os primeiros documentos escritos, sendo o mais antigo do ano de 1175, com o título de “uma breve notícia de Fiadores”, de 1196, poucos anos depois, a mais antiga cantiga trovadoresca, “Ora Faz Ost'o Senhor de Navarra”, de João Soares de Paiva. Foi, portanto, ainda em galego-português que foram escritos os primeiros documentos oficiais e textos literários não latinos da região, como os cancioneiros (coletâneas de poemas medievais).

Nesse período, crescia, juntamente com a língua, a produção de textos literários, sendo, em sua grande maioria, textos líricos, novelas de cavalaria, ou textos de espiritualidade. Dessa forma, podemos dizer que foi a literatura que proporcionou analisarmos e acompanharmos a evolução dessa língua, do galego-português até transformar-se em uma língua nacional.

#### **4 FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Nesta seção, discorreremos sobre os fatos históricos e sociais que ocorreram para a formação do português brasileiro. Para isso, é necessário ressaltar a chegada dos portugueses ao país. Com o descobrimento do Brasil, alguns portugueses instalaram-se no território brasileiro, e a partir de vários acontecimentos que aqui serão destacados, o português europeu foi se transformando, e como consequência surgiu a língua que os brasileiros, hoje, utilizam em seu cotidiano.

Em 22 de Abril de 1500, os portugueses chegaram ao Brasil em uma embarcação comandada por Pedro Álvares Cabral, e tomaram posse das novas terras em nome do rei D. Manuel de Portugal. Quando aqui chegaram, as novas terras já eram habitadas pelos índios. Algum tempo depois, especificamente em 1532, com a divisão do território em 15 capitanias hereditárias, inicia-se a colonização portuguesa, vários produtos como a madeira do pau brasil e os minérios foram exportados para Portugal. A partir do século XVIII, a exploração de ouro nas terras do estado de Minas Gerais passou a ser a principal fonte de riqueza para os portugueses.

Os jesuítas buscaram colonizar os índios, para conseguir catequizar os habitantes que encontraram no território brasileiro, pois buscavam implantar os costumes religiosos de acordo com a Igreja Católica, zelando pelos costumes que existiam em Portugal. Dessa forma, os nativos após serem catequizados acreditariam e seguiriam às crenças religiosas dos portugueses.

Além dos portugueses e índios instalados no Brasil, vieram muitos africanos para serem escravos nas novas terras. Assim, para o trabalho de extração nas minas, e em outros recursos que foram explorados no território, precisaram de muitos trabalhadores para conseguir realizar os serviços e trabalhar para que as riquezas fossem levadas para Portugal.

**Figura 08** - Brasil colonial quando os portugueses chegaram em seu território



Fonte: Imagens *Google* (2023).<sup>9</sup>

Na **Figura 08**, observamos o Brasil colonial, quando os portugueses chegaram ao território. No mar estão as navegações que vinham de Portugal para extrair riquezas no território brasileiro. Na imagem aparecem os índios na extração do pau-brasil, uma árvore enorme que era cortada e exportada para Portugal, pois sua madeira servia para construção de muitos objetos.

A primeira capitania do Brasil foi Salvador, sucedida pelo Rio de Janeiro a partir de 1763, período em que os colonos vindos de Portugal utilizavam o português europeu. Como supracitado, nesse tópico, os portugueses trouxeram sua cultura e costumes para a nova colônia, dessa forma, os índios e os escravos aprenderam o português, mas utilizando as variações decorrentes desse contato entre esses povos e os portugueses. Contudo, outras línguas existiam no período colonial, como o tupi utilizado pelo povo indígena e que precisou

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.vortexmag.net/pindorama-o-verdadeiro-nome-do-brasil-antes-de-chegarem-os-portugueses/>. Acesso em: 09 abr. 2023.

ser simplificada pelos jesuítas que, para alcançarem esse objetivo, realizou uma gramatização do tupi, tornando-o uma língua de uso na interação, ficando o português e o tupi como línguas de comunicação. O tupi ficou conhecida como língua geral no Brasil, por ser usada pelo povo. Nesse sentido, Teyssier destaca que em 1694, dizia o P. Antônio Vieira que “as famílias dos portugueses em São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticam e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola” (TEYSSIER, 2007, p. 63).

Observamos que a linguagem tupi é utilizada pelas famílias em seu cotidiano e dentro de suas casas, enquanto o português europeu era ensinado nas escolas. Um exemplo, é o jesuíta Antônio Vieira, que além de realizar a catequização da população, também auxiliava no ensino de Português.

Ainda, segundo Teyssier (2007) no século XVIII, a língua tupi entrou em decadência, pois aumentou o número de portugueses no território interessados na mineração do ouro. Além de tudo, o marquês de Pombal criou um Diretório em 3 de maio de 1757 no Pará e Maranhão que foi estendido a todo o Brasil em 1758, essa decisão exigia que a única língua usada fosse o português. Com a expulsão dos jesuítas em 1759, o português mais tarde tornou-se a língua definitiva do país, restaram como vestígios algumas palavras de origem indígena que foram adicionadas ao vocabulário português no Brasil, por exemplo, pamonha e canjica etc.

O autor ainda enfatiza que são escritas gramáticas do português brasileiro, nesse sentido: “em 1767, Frei Luís do Monte Carmelo (*Compendio de Orthographia*) assinalada pela primeira vez um traço fonético dos brasileiros, que é o de não fazerem distinção entre as pretônicas abertas (ex.: *pàdeiro, prègar, còrar*) e as fechadas (ex.: *cadeira, pregar, morar*).” (TEYSSIER, 2007, p. 63, grifos do autor).

Aos poucos, a LP foi adquirindo peculiaridades diante do português de Portugal, formando, assim, o chamado português brasileiro. Ocorria no território a mistura de raças, os portugueses, os índios e os negros, por essa razão inicia-se a miscigenação do povo brasileiro, além de culturas diferentes que implicam diretamente na língua falada.

#### 4.1 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Como visto, a LP passou por vários processos de construção e transformação até chegar ao português contemporâneo. O português que os colonizadores trouxeram foi mesclado a partir de novas culturas, raças, crenças nativas e, assim, modificado. O Brasil é

um país enorme em território, e mesmo que a língua oficial do país seja o português, existem aspectos e particularidades dentro da sociedade que fazem com que a língua seja mutável, de acordo com elementos que atuam no contexto social do falante de cada região. Essas diferenças dentro da língua são chamadas de variações linguísticas (VL), que são mais evidentes na fala.

Segundo Coutinho (2011) “basta um ligeiro cotejo do vocabulário português com o latino para que logo se conclua que aquele proveio deste, tal o número de palavras comuns, semelhantes na forma e no sentido” (COUTINHO, 2011, p. 164). Nessa perspectiva, compreende-se que a constituição do léxico da LP é composta, em grande parte, por vocábulos oriundos do LV (falado pelas classes inferiores da sociedade romana inicialmente e depois de todo o Império Romano). Dessa forma, o estudo diacrônico da língua materna só é possível a partir de uma análise histórica das relações advindas do latim para que entendamos cada passo do seu desenvolvimento.

As diferenças percebidas, constantemente, no léxico, entre o Português e o Latim são explicadas facilmente diante da evolução gramatical, e pelo fim de uma e desenvolvimento da outra. Por isso o fato de que muitas palavras antigas se perderam e outras sobrevivem com novas funções e novos significados, da mesma forma também, novas palavras são criadas constantemente dentro do português brasileiro. E toda essa questão está vinculada ao fato da língua estar em constante processo de evolução, por isso é natural que haja variações, pois quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades.

Na história brasileira, a representação dos imigrantes, ao lado dos indígenas, dos africanos e dos imigrantes europeus, teve um lugar significativo como parte da constituição do povo brasileiro. A partir do século XIX, eles entraram no país e trouxeram as suas línguas maternas: outras histórias, outras ideologias. E o modo pelo qual eles foram constituídos por suas línguas maternas foi determinante da forma pela qual eles se relacionaram com o português e com o Brasil.

Para os imigrantes, o português era a língua do estrangeiro, do diferente. A maneira pela qual se deu a entrada e a adaptação do imigrante no novo ambiente (dos falantes de português) estava articulada com a forma pela qual eles se relacionaram com o aprendizado do português. As línguas africanas também influenciaram o português falado no Brasil, sobretudo no que diz respeito à linguagem popular brasileira. Sendo assim, percebemos como esses empréstimos linguísticos foram importantes na constituição do português do Brasil, porque

deixaram marcas da história vivida por povos de diferentes origens, formando uma língua a partir das vozes de todos os que aqui habitavam e foram, a seu tempo, estabelecendo-se.

Dessa forma, notamos como as pessoas estão erradas ao afirmarem que todo brasileiro fala a mesma língua, visto que no Brasil existem vários dialetos e uma imensa variedade linguística que deve ser devidamente compreendida através de sua relação com a sociedade, de como ela varia de acordo com o local e o contexto que o seu falante está inserido. Ou seja, a língua está ligada a seus usuários que são capazes de alterá-la por receberem influências de outras culturas. Dessa forma, é preciso ficar claro que “as línguas servem para a comunicação; as línguas estão estreitamente ligadas aos seus usuários; as línguas variam; as línguas mudam” (GOMES, 2007, p. 66).

Há várias diferenças de linguagem que geram a variação linguística entre falantes, como a faixa etária, a diferença social, o lugar e o sexo. A fala dos jovens, por exemplo, tem como característica a gíria específica da idade e da época (já que ela sofre modificações com o tempo). Portanto, essa questão não é simplesmente linguística, mas social e política.

A VL é a identidade e a singularidade de um povo, o que o faz especial. Nesse sentido, apresentamos algumas variações linguísticas, cada qual apresentando características que lhe são próprias, são elas: **as variações diatópicas** (geográficas), as **variações diacrônicas** (históricas), **variações diastráticas** (grupos sociais) e as **variações diafásicas** (formal x informal).

Também conhecida como variação regional ou geográfica, a **variação diatópica** ocorre devido às diferenças regionais (dialetos) dos seus falantes. Ela pode estar associada também a aspectos sociais, o que duplica o preconceito relacionado a esse tipo de variação, principalmente, aqueles disseminados pela mídia.

As variações diatópicas ou regionais, especialmente as nordestinas, têm sido bastante utilizadas em novelas e programas humorísticos da televisão, porém, sempre com um sentido conotativo e pejorativo, com exageros que levam esses falares ao ridículo, face à variante padrão ou aos falares do Rio de Janeiro e São Paulo (ARAGÃO, 2010, p. 39).

No Brasil, temos diversos dialetos, como: baiano, caipira, carioca, florianopolitano, fluminense, gaúcho, mineiro, nordestino central, nortista, paulistano, recifense, serra amazônica, sulista, entre outros. Mussalim e Bentes (2009, p. 34) afirmam que “os falantes adquirem as variedades linguísticas próprias a sua região, a sua classe social etc.”, o que torna possível a mesma palavra ter diferentes formas de pronúncia, às vezes com significados

diferentes, ou o uso de uma ou mais palavras para referir-se a uma mesma coisa, como podemos ver na tabela abaixo:

**Tabela 2 - Dialetos regionais**

Ata, fruta do conde, pinha	Mandioca, macaxeira, aipim
Biscoito / bolacha / galheta	Menino, guri, menor
Caçoar, mangar	Sacolé, dindim, geladinho
Coberta, lençol, pano, mulambo	Salsicha, vina
Engraçado, gaiato	Opinião, pitaco

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Na tabela acima, é possível observarmos algumas palavras, com o mesmo sentido, mas ditas de maneiras diferentes em vários lugares do Brasil. Como afirma Coelho (2010) tratando-se de relação diatópica, regional ou geográfica, é aquela onde podemos identificar, “[...] às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa através do modo como ela fala” (COELHO, 2010, p. 76). Nesse contexto, percebemos que as variações linguísticas estão presentes nas comunicações verbais das pessoas, em diferentes partes do Brasil; elas ocorrem por fortes influências do contexto regional em que estão inseridas. Por essa razão a variação linguística é tão importante para seu falante, pois faz parte do contexto no qual ele está inserido.

As **variações históricas** são variedades linguísticas que eram empregadas no passado, mas que ou caíram em desuso, ou são mais raras nos dias de hoje. No caso do Português Brasileiro, percebemos, analisando textos de outras épocas, o quanto o português contemporâneo é distinto do português arcaico. Determinadas expressões e palavras deixaram de ser usadas dando lugar a novas formas. A variação histórica de uma língua ocorre de maneira lenta e gradual e muitas vezes há uma etapa de transição até que se consagre a nova forma linguística.

Podemos ver claramente essa variante no uso da mesóclise – colocação do pronome oblíquo no meio de algumas formas verbais – como “dir-se-ia”, “dar-lhe-ei” ou “far-se-á”. Hoje, podemos dizer que essas formas praticamente caíram em desuso, existindo apenas em raros textos escritos (com alto grau de formalidade) e na tradição literária. As mesóclises (“fá-lo-ia”, isto é, “eu o faria”), que hoje praticamente ninguém mais usa ao falar ou ao escrever, também são exemplos de variante linguística diacrônica.

Ainda temos a **variação social** ou **diatrática**, “[...] onde a fala pode refletir diferentes características sociais dos falantes” conforme defende Coelho (2010, p. 78). Esse tipo de variação está relacionada a diversos fatores como: classes sociais ou nível socioeconômico, ou seja, quanto mais cultura a pessoa tem acesso, com mais formalidade ela irá se comunicar; gênero: onde podemos observar que homens e mulheres se comunicam de forma diferente; grupos sociais: onde observamos que cada grupo tem sua maneira de se comunicar, como: militares, professores, juristas, funkeiros, dentre outros que usam suas próprias gírias ou maneiras peculiares de linguagem para que haja comunicação.

E por último, as **variações diafásicas**, que estão relacionadas com a situação de uso da língua, ao que é adequado e não adequado para muitas ocasiões. Nela o uso da língua da norma coloquial é diferente da norma culta, que por sua vez tem mais prestígio social. Coelho (2010, p. 85) salienta que:

[...] sabemos que a escrita, por geralmente estar associada a ambientes de maior monitoramento linguístico, costuma impor a seus produtores regras mais rígidas de conformidade às formas da variedade padrão. [...] ainda assim na escrita encontramos formas mais ligadas às variedades de prestígio. Na fala, encontramos formas mais ligadas à linguagem coloquial. (COELHO, 2010, p. 85).

Essas variações ocorrem de acordo com o contexto ou situação em que ocorre o processo comunicativo. Há momentos em que é utilizado um registro formal e outros em que é utilizado um registro informal. A **linguagem informal**, considerada menos prestigiada e culta, é usada quando há familiaridade entre os interlocutores da comunicação ou em situações descontraídas. Já a **linguagem formal** é considerada mais prestigiada e culta, usada quando não há familiaridade entre os interlocutores da comunicação ou em situações que requerem uma maior seriedade.

O fato é que essas variedades linguísticas, muitas vezes, ainda não são encaradas como riqueza de pluralidade da LP, sendo alvo de preconceito contra a fala de determinados grupos sociais, gerando motivos constantes de zombaria e desprezo de pessoas que desconhecem a

variabilidade da língua. Algumas variedades são mais “prestigiadas” socialmente que outras, como é o caso da norma culta. Até mesmo na escola, ambiente que deveria ser de um ensino voltado a estabelecer uma compreensão pluralizada sobre as formas de se comunicar, muitos alunos ainda não reconhecem a variedade lexical do português utilizada em seu meio.

#### 4.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Cada aluno perpassa pelo Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, e por fim chegando ao Ensino Médio. Nesse percurso estudantil, ele passa a ter contato com outros alunos e, conseqüentemente, com culturas e conhecimentos distintos. Durante toda essa trajetória ele tem contato com diversos conteúdos dentro das disciplinas obrigatórias da grade curricular, dentre elas, a LP.

No que tange ao ensino das VL, o autor Marcos Bagno afirma que “[...] o grande problema é que esse ensino até hoje, depois de mais de cento e sessenta anos de independência política, continua com os olhos voltados para a norma linguística de Portugal” (BAGNO, 2006, p. 26). Ou seja, voltada àquelas tradicionais e enraizadas regras gramaticais que consideram o “certo” e o “errado”. Essa exploração única anula a diversidade de conhecimentos própria da linguagem, que o aluno já traz consigo para a escola. É preciso, portanto, abandonar essa “concepção” de que se deve falar do jeito que se escreve, pois: “O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado *variação*, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico” (BAGNO, 2006, p. 52, grifo nosso).

Nesse cenário, repleto de equívocos, considerar o contexto social dos sujeitos torna-se uma tarefa importante e essencial para os docentes, pois esse conhecimento possibilitará a elaboração de estratégias pedagógicas para o efetivo desenvolvimento linguístico deles. No entanto, o ensino continua baseado, muitas vezes, em uma metodologia tradicionalista. Os docentes são direcionados a preparar suas aulas moldadas no ensino normativo, caso contrário, não é considerado ensino. Além disso, ainda existe uma supervalorização da língua escrita (mais monitorada) em relação à língua falada (mais espontânea), pois ainda há o predomínio de noções de que há o “correto” e o “errado” no ato da fala.

O domínio da norma culta não é um instrumento de ascensão social, isso é um mito visto que esse fato toca em sérias questões sociais, entretanto é necessário que o aluno tenha o conhecimento dessa variedade da língua, tendo em vista que o uso da ortografia oficial é necessário em diversos contextos, mas não se pode ensiná-la tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” os usos que não correspondem à norma culta. Sabemos que a linguagem oral é informal, espontânea, nos dá mais liberdade, em comparação à língua escrita, pois demanda tempo e prática para ser dominada, por obedecer às regras de funcionamento.

Para o ensino da norma padrão tornar-se eficaz, o educador não necessita anular a variação linguística, ela é tão importante quanto à norma culta para educação dos discentes. É preciso ter respeito por cada história linguística utilizada por eles, mas normalmente o que ocorre por parte dos professores é esquecer-se de trabalhar a variação linguística ou trabalhá-la de maneira incorreta ou descontextualizada. A gramática tradicional impõe uma língua homogênea e estável, enquanto a linguística a reconhece como heterogênea, mutável e variável, adaptando-se ao falante e à sua identidade.

Na competência específica de número 04, na qual se refere a importância do conhecimento do aluno sobre a Língua e sua heterogeneidade, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) defende essa importância da compreensão e reflexão sobre a língua e sobre as variações que a constitui. Como exemplifica o trecho a seguir:

Compreender as línguas como fenômeno (geo) político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões indenitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2017/2018, p. 494).

Diante desse trecho da BNCC, constatamos que mesmo o documento orienta que se deve ensinar e refletir sobre o ensino voltado aos diferentes tipos de variações, entretanto essa questão ainda é falha no ambiente escolar, visto que o conteúdo sobre a variação linguística é nos livros é fragmentado ou descontextualizado.

Nessa perspectiva, entendemos que o LD é um instrumento educacional que funciona como ferramenta complementar da prática do professor em aula, além de contribuir para o estudo do aluno individualmente. No entanto, há uma tendência comum entre os LD produzidos em diversos momentos e com diferentes abordagens: ainda são pouco desenvolvidos os conteúdos voltados para a variedade linguística e a formação do léxico da

LP. Esse fato tão natural em qualquer língua, e que revela indícios de extrema relevância dos aspectos sociais, regionais e históricos de uma população.

Além de não trazerem consigo uma reflexão específica a respeito da variedade linguística, nos poucos momentos em que essas questões são abordadas, o faz, muitas vezes, de maneira lacunar, pois além de apresentar distinções entre “certo” e “errado”, ainda pede ao aluno que diferencie a norma culta da linguagem informal – ou coloquial –, das gírias, etc., e que apliquem cada uma delas em diferentes momentos, que, por muitas vezes, vem acompanhado implicitamente da questão de um ser “melhor” ou “pior” que o outro.

Isso acontece pelo fato desse apoio metodológico apresentar-se, em sua essência, na escrita de acordo com a norma culta do português brasileiro, não fazendo menção à heterogeneidade linguística presente no país. Prefere, ao contrário, trazer reflexões a respeito do léxico, convidando o aluno a buscar sinônimos ou significados no dicionário, por exemplo. As reflexões sobre as variedades linguísticas, igualmente, parecem secundárias, surgindo fragmentadas ao longo de questionários específicos, sem estabelecer relações entre a situação social dos falantes e seu modo de usar a língua.

Em razão desta pluralidade, abre-se o espaço para discussões no que se refere às variações linguísticas, uma vez que o documento é contra qualquer tipo de discriminação e preconceito, dentre eles, o preconceito ocasionado em razão dos usos linguísticos: o preconceito linguístico, especialmente no que se refere ao léxico.

Vale ressaltar que existe um círculo vicioso de preconceito linguístico composto por três elementos: o ensino tradicional, a gramática tradicional e os LD. A gramática inspira a prática de ensino, que por sua vez provoca o surgimento da indústria do LD, cujos autores, fechando este círculo, recorrem à gramática tradicional como fonte de princípios e teorias sobre a língua.

Nesse contexto, muitos estudantes do Brasil são discriminados em sala de aula, transformando-se em motivos de zombaria, por usarem um determinado uso linguístico para se comunicarem. Vale salientar ainda que, muitas vezes, os professores, em sua formação, não são orientados que a variação linguística deve ser respeitada e trabalhada em sala de aula positivamente. A solução para que ocorra uma concordância no ensino da variação linguística e da norma culta está na formação do educador de LP e também do pedagogo, visto que é um profissional que trabalha com a alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental.

Assim, a maneira como o ensino é administrado tem sido estudado pelo Ministério da Educação e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) reconhecem que há muito

preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, é objeto de avaliação negativa.

Os PCNs orientam que o preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor. O que não se pode permitir é que esse preconceito faça parte da rotina da escola. Para tanto, os professores precisam trabalhar com seus alunos a questão da variação linguística de maneira contextualizada, pois num país tão imenso como o Brasil, onde até mesmo nossa cultura é extremamente diversificada, nada mais natural a língua passar por transformações e se adaptar a cada região.

Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e combatendo situações de preconceito linguístico (BRASIL, 2017, p. 486).

Nesse sentido, o documento orienta a conhecer e respeitar algumas variedades linguísticas, visto que ainda é perceptível a ênfase no ensino da língua pautado nos princípios da gramática normativa, assim como afirmam Patriota e Pereira (2018, p. 2) “a abordagem atribuída ao ensino da língua materna encontra-se associado ao ensino prescritivo da língua, isto é, um ensino alicerçado nas regras gramaticais preconizados pela Gramática Normativa”. Por esse motivo, torna-se superficial e incompleta a abordagem sobre variação e preconceito linguístico neste documento caso não seja discutido no ambiente escolar.

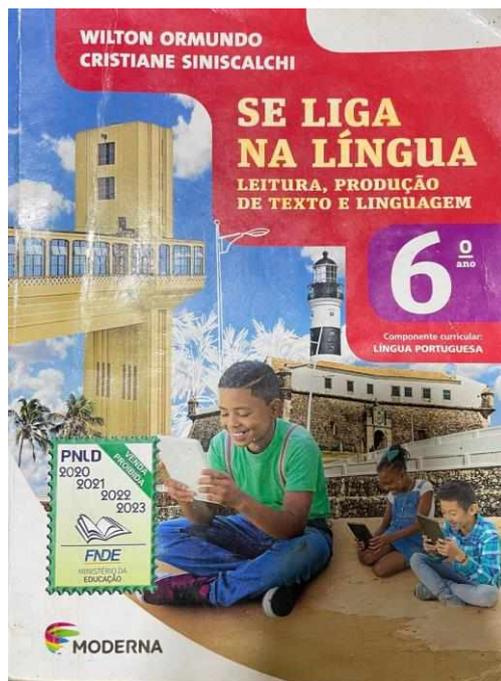
Nesse contexto, Bagno (2006, p. 27) também defende que “o problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação.” Sendo assim, cabe à escola desenvolver atividades que propiciem ao aluno o contato com o máximo possível de pluralidade discursiva e situações reais de uso da língua como meio de expandir a competência comunicativa deste. O professor deve se apresentar como sujeito incentivador da reflexão, da análise e da contextualização escolar, de modo a possibilitar que os alunos reconheçam todas as variações como válidas e que saibam o contexto adequado de uso de cada uma delas.

## **5 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO**

Nesta seção realizamos uma análise do LD intitulado *Se liga na Língua: Leitura, Produção de Texto e Linguagens*, dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, do 6º ano do ensino fundamental II, exemplar do aluno.

Em relação à sua estrutura, é composto por oito unidades, são elas: Diário: registro do eu no mundo; Verbete: palavra que explica a palavra; História em quadrinhos: imagens e palavras em ação; Relato de experiência: contar o que houve comigo; Poema: a expressão do eu; Anúncio e outros gêneros publicitários: a venda de produtos e ideias; Comentário de leitor: o direito de opinar; Conto, que delícia que é contar. É composto por duzentas e setenta e duas (272) páginas. Abaixo, seguem as figuras que demonstram como estão dispostos os conteúdos no material, capítulos e sessões com seus respectivos títulos. Dessa forma, torna-se possível observá-lo, bem como as suas devidas propostas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística.

**Figura 09** - Capa do livro didático



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020).

**Figura 10** - Sumário: Capítulo 1 e 2 do LD

CAPÍTULO 1 – DIÁRIO: REGISTRO DO EU NO MUNDO					
Leitura 1	Leitura 2	Páginas especiais	Se eu quiser aprender mais	Meu diário na prática	Textos em conversa
Reprodução de página do diário de Marina Torres Sella p. 18 Desvendando o texto p. 19 Como funciona um diário? p. 20	Fragmento de <i>O diário de Zlata</i> , de Zlata Filipović p. 21 Refletindo sobre o texto p. 22	A escrita íntima no blog p. 24	Divisão do texto em parágrafos p. 26	Momento de produzir p. 28 Momento de reescrever p. 29 Momento de apresentar p. 29	<i>O diário de Zlata</i> (Leitura 2) e relato de Jaime Murahovschi para o Museu da Pessoa p. 30
Mais da língua	Isso eu já vi	Conversa com arte	Expresse-se!	Leitura puxa leitura	Biblioteca cultural em expansão
Como nos comunicamos? p. 32 A linguagem é diversa p. 33 A língua: seleção e combinação p. 37	Junto ou separado? (revisão de ortografia) p. 40	Retrato. <i>Retrato coletivo de israelenses</i> , de Roland Fischer p. 42	Retrato e autorretrato. <i>O casal Arnolfini</i> , de Jan van Eyck, <i>Exposição Polvo</i> , de Adriana Varejão, e <i>Enterro em Ornavi</i> , de Gustave Courbet Produção de <i>selfie</i> e montagem de painel p. 44	• <i>O diário de Zlata</i> • <i>O diário de Anne Frank</i> • <i>Estatuto da Criança e do Adolescente</i> • <i>Museu da Pessoa</i> p. 46	• <i>Extraordinário</i> • <i>Billy Elliot</i> • <i>O ano em que meus pais saíram de férias</i> • <i>A bolsa amarela</i> p. 47

CAPÍTULO 2 – VERBETE: PALAVRA QUE EXPLICA PALAVRA				
Leitura 1	Leitura 2	Se eu quiser aprender mais	Meu verbete na prática	Textos em conversa
Verbetes "cara", do <i>Dicionário Houaiss</i> p. 48 Desvendando o texto p. 49 Como funciona um verbete? p. 50	Verbetes "sapato", da Wikipédia p. 52 Refletindo sobre o texto p. 55	Como dividir as frases p. 57	Momento de produzir p. 59 Momento de reescrever p. 60 Momento de apresentar p. 60	O gênero verbete e o poema "A estrela", de Ferreira Gullar p. 61
Transformando o verbete em podcast	Mais da língua	Isso eu já vi	Entre saberes	
Gravação de podcast p. 62	A língua varia p. 63 Preconceito linguístico p. 65	Grafia de palavras muito parecidas p. 71	Pesquisa, redação e postagem de novo verbete na Wikipédia p. 73	

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020).

Figura 11 - Sumário: Capítulo 3 e 4 do LD

CAPÍTULO 3 – HISTÓRIA EM QUADRINHOS: IMAGENS E PALAVRAS EM AÇÃO					
Leitura 1	Leitura 2	Páginas especiais	Se eu quiser aprender mais	Minha história em quadrinhos na prática	Textos em conversa
Tira "Niquel Náusea", de Fernando Gonsales p. 74 Desvendando o texto p. 74 Como funciona uma história em quadrinhos? p. 75	HQ de Samanta Flor em homenagem a Maurício de Sousa p. 76 Refletindo sobre o texto p. 76	A HQ eletrônica p. 78	O formato dos balões p. 84	Momento de produzir p. 86 Momento de reescrever p. 87 Momento de apresentar p. 88	Tira "Niquel Náusea" (Leitura 1) e cartaz do filme <i>Thor: Ragnarok</i> p. 89
Mais da língua	Isso eu já vi	Conversa com arte	Expresse-se!	Leitura puxa leitura	Biblioteca cultural em expansão
Escrever não é o mesmo que falar p. 90 O planejamento da fala e da escrita p. 91	Os fonemas e as letras p. 98	Videoclipe feito para a canção "Segredos", de Roberto Frejat p. 102	Videoclipes "Passarinhos", de Emicida e Vanessa da Mata, e "Cruel", de Nina Fernandes; criação de <i>playlist</i> de vídeos p. 104	• <i>Niquel Náusea</i> • <i>MSP 50 Novos Artistas</i> • <i>Turma da Mônica – HQ</i> • <i>Site da Turma da Mônica</i> p. 106	• <i>As cem melhores histórias da mitologia</i> • <i>As melhores histórias da mitologia africana</i> • <i>Como nasceram as estrelas</i> • <i>Icamiabas na Amazônia de Pedra</i> p. 107

CAPÍTULO 4 – RELATO DE EXPERIÊNCIA: CONTAR O QUE HOUVE COMIGO				
Leitura 1	Leitura 2	Se eu quiser aprender mais	Meu relato de experiência na prática	Textos em conversa
Transcrição de relato de Rogério Quintanilha para o portal de notícias G1 p. 108 Desvendando o texto p. 109 Como funciona um relato de experiência? p. 111	Transcrição de relato de Pedro Antônio Alves para o Museu da Pessoa p. 112 Refletindo sobre o texto p. 113	Relações de causa e consequência p. 115	Momento de produzir p. 117 Momento de reescrever p. 118	Transcrição de relato de Rogério Quintanilha para o portal de notícias G1 (Leitura 1) e poema "Classe mista", de Carlos Drummond de Andrade p. 119
Transformando o relato de experiência em entrevista	Mais da língua	Isso eu já vi	Entre saberes	
Produção de entrevista p. 120	Substantivo p. 121 Flexão de gênero p. 127 Flexão de número p. 129 Variação de grau p. 129	Grafia de encontros consonantais p. 136	Técnicas de pesquisa e produção de vídeo sobre o movimento <i>hip-hop</i> p. 138	

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020).

Figura 12 - Sumário: Capítulo 5 e 6 do LD

CAPÍTULO 5 – POEMA: A EXPRESSÃO DO EU					
Leitura 1	Leitura 2	Se eu quiser aprender mais	Meu poema na prática	Textos em conversa	Páginas especiais
Poema de Arnaldo Antunes p. 140 Desvendando o texto p. 140 Como funciona um poema? p. 141	Poema "O aeroplano", de Ivan Junqueira p. 141 Refletindo sobre o texto p. 142	A linguagem poética p. 145	Momento de produzir p. 147 Momento de reescrever p. 148 Momento de apresentar p. 149	Poema de Arnaldo Antunes e projeto artístico de Diego Bachmann p. 149	Outras formas de compor poemas p. 150
Mais da língua	Isso eu já vi	Conversa com arte	Expresse-se!	Leitura puxa leitura	Biblioteca cultural em expansão
Termos que acompanham o substantivo p. 154 Adjetivo p. 155 Numeral p. 161 Artigo p. 162	Silaba tônica e acento gráfico p. 167	<i>Poltrona Doco</i> e <i>Poltrona Oblitruo</i> , de Rodrigo Ohtake p. 168	Objetos de <i>design Banco sem assento</i> e <i>Luminária ferro de passar</i> , de Leo Capote, e cartaz <i>Happy birthday</i> , de Shigeo Fukuda; criação de objeto de <i>design</i> p. 170	• Site de Arnaldo Antunes • Blogspot de Al-Chaer • Site de Sérgio Capparelli • Dez melhores poemas de Drummond p. 172	• <i>Caqui</i> – Revista Brasileira de Haicais • Site sobre a pintura <i>ukiyo-e</i> • Japan House p. 173

CAPÍTULO 6 – ANÚNCIO E OUTROS GÊNEROS PUBLICITÁRIOS: A VENDA DE PRODUTOS E DE IDEIAS				
Leitura 1	Leitura 2	Se eu quiser aprender mais	Nosso anúncio publicitário na prática	Textos em conversa
Anúncio da OndAzul p. 174 Desvendando o texto p. 175 Como funciona um anúncio publicitário? p. 176	Anúncio, fôlder, spot e filme do Ministério da Saúde p. 176 Refletindo sobre os textos p. 178	As referências ao leitor p. 182	Momento de produzir p. 184 Momento de avaliar p. 185 Momento de apresentar p. 185	Gêneros publicitários e Seção III – Da Publicidade – Art. 36 do Código Brasileiro de Defesa do Consumidor p. 186
Transformando o anúncio em paródia	Mais da língua	Isso eu já vi	Entre saberes	
Produção de paródia p. 189	Verbo p. 190 Flexões do verbo p. 191 Modos verbais p. 196 Modelos de conjugação verbal p. 198	Acentos gráficos em palavras monossílabas, oxítonas e proparoxítonas p. 202	Produção de carta de reclamação a ser enviada ao SAC de empresa fabricante de produto p. 204	

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020).

Figura 13 - Sumário: Capítulo 7 e 8 do LD

CAPÍTULO 7 – COMENTÁRIO DE LEITOR: O DIREITO DE OPINAR				
Leitura 1	Leitura 2	Se eu quiser aprender mais	Meu comentário de leitor na prática	Textos em conversa
Comentários sobre notícias na <i>Folha de S. Paulo</i> a respeito do alojamento de um garoto sírio p. 207 Desvendando o texto p. 207 Como funciona um comentário de leitor? p. 208	Comentários de jornal <i>on-line</i> sobre os Jogos Olímpicos do Rio 2016 p. 209 Refletindo sobre o texto p. 210	O que diminui a aceitação de uma opinião? p. 211	Momento de produzir p. 214 Momento de avaliar p. 215	Gênero <i>comentário de leitor</i> e artigo "Por que fechei meu blog para comentários", de Leonardo Sakamoto p. 216
Transformando o comentário de leitor em pedido público de desculpas	Mais da língua	Isso eu já vi	Entre saberes	
Carta de pedido formal de desculpas p. 218	Frase, oração e período p. 219 Tipos de frase p. 220 Oração e período p. 224	Acentuação das palavras proparoxítonas p. 229	Comparação das vantagens do livro impresso com as do livro digital e gravação de <i>podcast</i> debatendo o tema p. 230	

CAPÍTULO 8 – CONTO: QUE DELÍCIA QUE É CONTAR!					
Leitura 1	Leitura 2	Se eu quiser aprender mais	Meu conto na prática	Textos em conversa	Mais da língua
"Peça ladrão, Papai Noel!", de Marcos Rey p. 234 Desvendando o texto p. 236 Como funciona um conto? p. 237	"Trem Fantasma", de Moacyr Scliar p. 238 Refletindo sobre o texto p. 240	As vozes no conto p. 241	Momento de produzir p. 244 Momento de reescrever p. 245	A temática da empatia (contos) e notícia sobre Marley Diaz: "Cansada de ler sobre garotos, menina reúne 4.000 livros com garotas negras" p. 247	Sujeito determinado p. 250
Isso eu já vi	Conversa com arte	Expresse-se!	Leitura puxa leitura	Biblioteca cultural em expansão	
Acentuação gráfica em hiatos e ditongos p. 258	Fotografia documental: <i>Hazara Schoolboys</i> (Escola de Meninos Hazara), de Steve McCurry p. 260	Fotografias documentais: <i>Perfume de sonho</i> , de Sebastião Salgado, <i>Street Arabs in "Sleeping quarters"</i> , de Jacob August Riis, e <i>Catal se beijando no Boulevard Diderot, Paris</i> , de Henri Cartier-Bresson; produção de fotografia documental p. 262	• <i>O sal da Terra</i> • Site de Steve McCurry • Contos e crônicas para ler na escola • <i>O rapto do garoto de ouro</i> p. 264	• <i>100 livros infantis com meninas negras</i> • <i>Saiba mais com a Turma da Mônica – Inclusão social</i> • <i>Do luto à luta</i> p. 265	
Minha canção: "De toda cor", de Renato Luciano e outros p. 266					
Bibliografia p. 270					
Referências digitais p. 271					

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020).

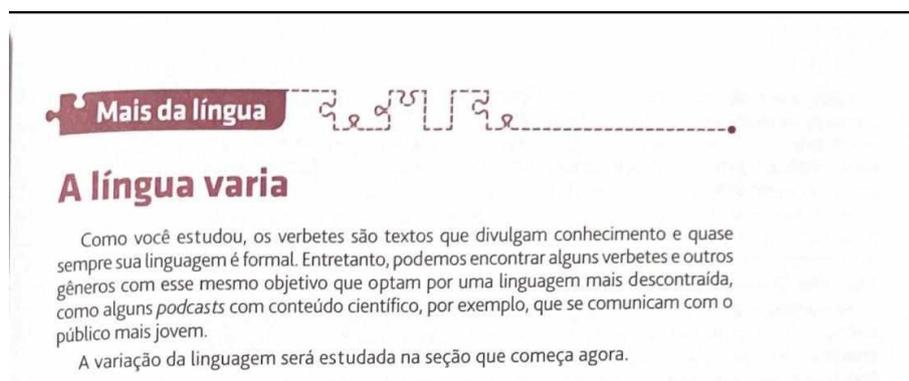
A pesquisa é embasada no conteúdo presente na Unidade II – Verbete: palavra que explica palavra, – Mais da língua, da página 63 a 65 (conteúdo), além da página 66 a 70

(resolução de atividades), pois elas tratam, mesmo que de forma sucinta, as variedades linguísticas, os tipos de variação linguística, preconceito social e as variedades de prestígio.

Ante o exposto apresentado acima, ainda é possível observar que, no LD, há menos de 10 páginas destinadas à variação linguística. Contudo, ele não traz apenas essa temática, apresenta também, por exemplo, os gêneros e a gramática. Nesse momento, damos ênfase apenas ao conteúdo relacionado à nossa pesquisa.

A parte introdutória do capítulo, descrita na **Figura 14**, com o título: Mais da língua; e com o subtítulo: A língua varia, explana brevemente sobre o tipo de linguagem do gênero verbete, conteúdo anterior do mesmo capítulo, que é, predominantemente formal, mas em poucos casos, existem alguns com uma linguagem mais informal. Nesse contexto, destacam outro gênero, o podcast, relacionando-o pelo fato de que alguns, mesmo com conteúdo científico, apresenta uma linguagem mais descontraída para se comunicar com seu público alvo: os jovens.

**Figura 14** - Mais da língua / A língua varia



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 63).

Logo após, na **Figura 14**, os autores abordam indiretamente sobre as variações da língua por meio da utilização do gênero textual *anúncio publicitário*, em que traz uma campanha de incentivo aos moçambicanos para aproveitarem o verão. Em seguida, trabalha uma atividade, com alguns questionamentos que levam em conta a leitura e a interpretação do anúncio.

**Figura 15** - O português no Brasil e em Moçambique

### Pra começar

Você já viu um anúncio publicitário de outro país? Acha que conseguiria ler um que tenha sido publicado em Moçambique, por exemplo? Tente fazer essa experiência. Os moçambicanos, assim como os brasileiros, falam a língua portuguesa.



Agora, responda a estas questões.

- 1 Esse anúncio faz parte de uma campanha que incentiva os moçambicanos a aproveitar o verão. Que elementos da imagem relacionam essa estação à sensação de bem-estar e descontração?
- 2 De que modo a sensação de calor, característica do verão, é representada na imagem? E no título da campanha "Verão Amarelo"?
- 3 Em "Malta reunida", que aparece em destaque, ocorre uma palavra que praticamente não é usada no Brasil. Você conseguiu deduzir seu sentido? Como fez isso?
- 4 Suponha que essa campanha também fosse veiculada no Brasil. Que adaptações você faria no texto para que ficasse de acordo com a linguagem que os brasileiros costumam usar? Reescreva as frases no caderno.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 63).

Podemos perceber, no questionário acima, que em todas as questões, os autores destacam apenas ensinamentos sobre os conceitos de interpretação e compreensão do texto, e apenas infere ao leitor a ideia de diferença quanto à utilização da língua portuguesa no Brasil e em Moçambique. Precisamente na última questão, a quarta, os autores promovem uma reflexão junto ao leitor, discente, com base nas diferenças do modo de falar dos moçambicanos comparado aos brasileiros, mesmo ambos falando a LP.

Fica evidente, na **Figura 15**, a superficialidade com que o tema das variações linguísticas foi abordado logo no início da sessão. Visto que o Brasil é um país composto por uma imensidade de variações, notamos que os autores poderiam ter iniciado trabalhando com essas variações próprias, sem que fosse preciso expor um anúncio de outro país para destacá-las. Além disso, englobam o fato de existir várias formas/maneiras de falar como sendo VL, e não destacam sequer o tipo de variação existente no presente anúncio entre esses dois países, que é denominada de *diatópica*.

Como podemos ver na **Figura 16** a seguir, a abordagem é dada por meio de algumas ilustrações que apresentam diferentes situações do dia-a-dia, destacando as particularidades da linguagem através das variações linguísticas que podem ocorrer nas várias situações comunicativas.

**Figura 16** - As diferentes formas de comunicar-se com a língua



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 64).

Na figura acima, os autores abordam, através da tirinha, algumas maneiras diferentes de se comunicar, em outras palavras, alguns tipos de variação linguística utilizados em diversos contextos. Podemos ver nas imagens e nos balões as diferenças dependem do lugar, da escolaridade e da classe social; também podemos considerar se o uso é a oralidade, a escrita, a formalidade e informalidade e a gíria.

Isto posto, podemos verificar facilmente que apenas esses diálogos entre os personagens são insuficientes para demonstrar e contextualizar as abordagens feitas pelos autores ao tema proposto. Dessa forma, caso o docente não tenha o conhecimento a respeito do tema ou não tenha o interesse em buscar novos métodos de ensino e novas fontes de pesquisa, o conhecimento dos discentes ficará bastante descontextualizado, limitado e precário, deixando uma lacuna enorme no ensino/aprendizagem desse indivíduo.

Na **Figura 17**, logo abaixo, os autores adentram no conteúdo sobre o preconceito linguístico introduzindo-o por meio do cartum do ilustrador Roberto Kroll. Nele, podemos ver a presença de dois personagens com pranchas de *surf* e vestimentas diferentes (um de terno, outro com traje de banho), em um ambiente bem sugestivo: uma praia. Mas o que chama a atenção é o modo de falar de um deles diante do lugar e da situação em que estão.

**Figura 17** - Preconceito linguístico

## Preconceito linguístico

Leia este cartum do ilustrador paulista Roberto Kroll.



O humor da ilustração é criado pela inadequação de um dos personagens: ele se veste e fala de uma maneira que não é esperada para a ocasião. Sua linguagem muito formal contrasta com o espírito descontraído que caracteriza a prática do surfe.

Como você já viu, a língua apresenta variações. Todos falam diversas "línguas" dentro de sua língua, escolhendo a **variedade linguística mais adequada** para cada situação comunicativa.

Desde que começamos a falar, fomos naturalmente aprendendo as palavras e o contexto de seu uso, assim como as principais regras de seleção e combinação delas para formar frases em nossa língua. Fomos nos familiarizando também com as características dos vários gêneros. Por isso, conseguimos nos comunicar uns com os outros. Cabe à escola, entretanto, ampliar esse uso da linguagem, criando oportunidade para que conheçamos a fala e a escrita de maior prestígio social.

As variedades linguísticas empregadas pelas pessoas que usufruem de maior prestígio cultural e social são chamadas **variedades urbanas de prestígio**.

### Abuse da língua

É muito comum reconhecermos particularidades na fala de moradores de outras regiões. Você conseguiria imitar um falante de uma região distante da sua? É um de sua própria região? Quando alguém imita uma pessoa de sua região, que palavras ou sotaque ele usa?

Você já ouviu falar de **norma-padrão**? Essa expressão identifica um modelo de uso da língua descrito nas gramáticas e nos dicionários. Ela é apenas uma referência, já que, no uso cotidiano da língua, ninguém segue rigorosamente todas as orientações gramaticais. Até mesmo os falantes das variedades urbanas de prestígio, que têm mais contato com essa norma, optam por outras construções em situações informais.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 65).

Na figura, os autores utilizam-se do humor para, de forma mais leve e descontraída, criar uma analogia das vestimentas dos personagens à língua e assim, apresentar os conceitos de adequação e inadequação, pois com a língua não seria diferente, ela varia de acordo com a devida ocasião. Depois, exemplificam que em determinadas situações se fará necessária a utilização da variação formal da língua, como no ambiente escolar. Em outros contextos, como o cotidiano familiar e o bairro em que se vive, não há a necessidade da utilização dessa forma padronizada, a informalidade pode ser empregada. O principal mesmo é saber que todas as variedades linguísticas têm a sua importância e que o primordial é como fazer o uso delas adequadamente a cada situação.

Mais uma vez, aqui é perceptível o quanto eles foram sucintos ao tratar essa temática. Ora, introduzir uma série de informações sem a devida contextualização, além suprimir os principais fatores que corroboraram para a formação das variedades linguísticas, como os sociais, econômicos, políticos e culturais é desconhecer ou não dar pouca importância para o processo de formação cultural da língua portuguesa ao longo do tempo, haja vista que foi um processo que correu de forma lenta e gradativa, até chegar aos dias atuais.

Percebemos também, o quão vago a questão do preconceito em si foi trabalhada, tendo em vista que a ideia desse tópico poderia apresentar o uso de maneira contextualizada. Na verdade, observamos que não há a intenção dos autores em contextualizar e exemplificar o

uso dessas variações nos contextos de uso. A única preocupação é a de enfatizar o “errado” e apresentar a forma padrão e “correta” a ser seguida.

Diante desses fatos, fica notório que é dever do docente estar preparado para enfrentar e combater quaisquer preconceitos que possam surgir, bem como disseminar o conceito de que a língua não é algo cristalizado, estanque, pelo contrário, modifica-se ao longo do tempo, em conformidade com o contexto histórico e social à época.

Logo abaixo, na **Figura 18**, os autores tecem agora, algumas indagações relacionadas à *variação histórica* por meio de um anúncio de creme dental divulgado nos anos 1940.

**Figura 18 - Variação histórica**

**A língua varia** **NA PRÁTICA**

**1** Veja um anúncio de creme dental divulgado nos anos 1940. Ele exemplifica a *variação histórica* da língua, ou seja, as mudanças que ocorrem com a passagem do tempo.



3. Revista O Cruzeiro (RJ) 11.10.1941

- Que termo também era usado naquela época para *creme dental*?
- Identifique no anúncio as palavras que antigamente eram escritas de maneira diferente da de hoje e atualize-as.
- Que qualidades do produto foram destacadas?
- Esse anúncio revela que a passagem do tempo não altera apenas a língua. Que outros aspectos também sofreram mudança?

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 66).

De início, já percebemos que os autores não contextualizam conceitos, não fizeram com o que os leitores conhecessem e refletissem um pouco sobre a *variação histórica* e assim pudessem, juntamente com os seus conhecimentos e experiências de vida, inferirem os próprios conceitos no ato da leitura e interpretação textual.

Constatamos que as questões retratadas acima, apenas destacam as mudanças de determinados termos antigos presentes no anúncio, não estabelecendo uma compreensão clara sobre a *variação histórica*. É notória, infelizmente, a forma equivocada como são abordadas as variedades linguísticas. Eles poderiam utilizar mais informações sobre o contexto histórico da língua e suas nuances ao longo do tempo.

Na **Figura 19**, abaixo, os autores trazem o gênero textual cartum, produzido por Gilmar Luiz Tatsch, a fim de realizar algumas indagações relacionadas às gírias, além de enfatizar, por meio do contraste entre os personagens e o lugar, um problema global.

**Figura 19 - Gírias**

4 Leia um cartum produzido pelo ilustrador gaúcho Gilmar Luiz Tatsch, conhecido como Tacho.

a) O cartum chama a atenção do leitor para um importante problema da humanidade. Qual?

b) Para falar sobre o tema, o cartunista associou duas imagens que costumam contrastar. Explique essa oposição.

c) Que importância tem a legenda *Polo Norte 2100*, no canto superior esquerdo do cartum?

d) Que sentido a palavra *oxente* exprime nesse contexto?

e) Em que região do Brasil essa palavra costuma ser usada?

f) O uso dessa palavra por um pinguim reforça o contraste entre a situação que ele está vivendo e a que deveria viver ou afirma a possibilidade de fácil adaptação à nova situação?

g) **DESAFIO DE ESCRITA** Nesta atividade, você vai produzir um parágrafo de análise do cartum. Em seu caderno, copie e complete o texto a seguir.

O cartum de Tacho chama a atenção do leitor para \_\_\_\_\_. Para fazer isso, ele mostra o Polo Norte transformado em \_\_\_\_\_, que lembra \_\_\_\_\_. A fala "Oxente", de um dos pinguins da cena, é típica da \_\_\_\_\_ e produz humor porque \_\_\_\_\_.

**Pesquise em Ciências**  
O cartum faz uma relação entre os pinguins e o Polo Norte. Por que essa relação não é correta?

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 69).

No cartum, é possível observarmos dois pinguins em seu habitat natural: o polo norte. No entanto, alguns fatores provocam estranheza ao leitor, como o fato do ano ser 2100, pela presença de cactos (plantas comuns em lugares quentes e áridos) e, principalmente, pelo fato de um deles pronunciar uma gíria nordestina (*oxente*). Com base nessas informações, percebemos a crítica que o autor da ilustração faz referência ao aquecimento global,

Quanto aos questionamentos, nos três primeiros, os autores iniciam os conceitos de interpretação e compreensão do texto, além de inferir também ao leitor a ideia do problema a ser identificado. Nas demais, percebemos apenas a relação de contraste entre o Nordeste e o polo Norte. Quanto ao termo "*oxente*", notamos que é unicamente relacionado ao sentido que está exprimindo diante daquele contexto, não é denominado como gíria e nem contextualizado perante as VL. Portanto, a ideia do problema global se sobrepõe ao que realmente estava sendo trabalhado anteriormente: as variações.

E é nesse viés que caberia destacar sobre outro tipo de VL, a *variação diatópica*, visto que ela ocorre devido às diferenças regionais (dialetos) dos seus falantes, ocorrendo por fortes

influências do contexto regional em que estão inseridas. No entanto, os autores não se interessam em fazê-lo, e limitam-se ao fato de apenas “construir conhecimento” por meio de conteúdos incompletos, descontextualizados e vagos.

Diante do que foi exposto, podemos afirmar que as atividades aqui analisadas não são tratadas com a devida contextualização dos aspectos históricos, por exemplo, qual a origem da língua portuguesa, quando e como chegou ao Brasil e o que ocorreu para chegar ao patamar atual. Fatores primordiais para um bom entendimento e aprendizado de todos, já que o livro didático, muitas vezes, é utilizado como única e exclusiva fonte de pesquisa. Assim, não sendo capaz de sanar as dúvidas existentes ao longo do caminho, não só sobre a variedade linguística, mas também em quaisquer situações na vida acadêmica.

Dessa forma, fica claro e notório que outras fontes de pesquisas devem ser empregadas, a fim de minimizar ou até mesmo preencher as lacunas ainda presentes no LD. Este por sua vez, precisa ser adaptado à realidade dos discentes de cada região desse país de dimensões continentais e com grandes variedades dialetais. A região Nordeste, por exemplo, poderia ser contemplada com essa mudança, estudar as variações do léxico, por meio das condições geográficas, sociais e culturais, presente nos vários sotaques, contextualizando-os.

Infelizmente a atenção para a educação nesse país ainda tem um forte viés político de controle da grande massa, sobrepondo-se aos interesses realmente relevantes à formação do discente/cidadão. Para isso, propomos sugestões a serem trabalhadas em sala de aula, sobre esse conteúdo, com o objetivo de oferecer subsídios suficientes ao docente, a fim de que se promova um ensino adequado, contextualizado e atrativo aos discentes.

Para o conteúdo ser trabalhado, possivelmente, em 03 momentos, por exemplo. No primeiro, apresentar e introduzir a contextualização histórica, desde a sua origem, Roma, onde a língua latina era utilizada, até a chegada dos romanos à PI. Logo em seguida, no segundo momento, discorrer sobre a formação do português em Portugal, bem como a chegada desses portugueses ao Brasil. Por fim, para o terceiro momento, tratar desse conteúdo a partir do LD, já que os discentes agora possuem os conhecimentos prévios necessários para um aprendizado adequado, contextualizado.

Essa é sem sombra de dúvidas uma maneira mais adequada e porque não dizer, mais eficaz para se estudar/ensinar a história da língua portuguesa e assim, tornar esse ensino mais completo, efetivo e produtivo ao discente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da presente análise do LD, foi possível observarmos que houve um ganho considerável no que diz respeito aos conhecimentos adquiridos sobre a origem da LL, seguindo pela chegada dos romanos à PI, promovendo uma discussão sobre as diversas variações linguísticas ao longo do tempo nessa língua, transformando-a em galego-português; tratamos da chegada dos portugueses ao Brasil, e de como a LP foi implantada no novo território. Foi possível também fazer algumas considerações sobre como a maioria dos LD abordam o tema.

Em relação à variação lexical da LP no decorrer do tempo, percebemos um avanço ainda limitado no ensino, já que não consegue abranger e contextualizar, como de fato as mudanças na história da língua ocorreram na sociedade. Além disso, é notório também a necessidade de se alterar o atual modelo de ensino/abordagem adotado e introduzir uma nova metodologia a ser empregada, a fim de trabalhar o motivo das variações presentes na língua e assim, evitar preconceitos linguísticos e sociais que perduram através dos tempos e muitas vezes dificultam o ensino/aprendizagem dos discentes. Para isso, traçamos um percurso histórico desde a formação da LL até a constituição da LP no Brasil e, além disso, como deu-se o processo de ensino da história dessa língua.

Nesse contexto, constatamos que o LD ainda vem sendo utilizado, muitas vezes, como único modelo e ferramenta pedagógica de ensino. Por isso, faz-se necessário que o docente busque outras fontes de pesquisa para apresentar o conteúdo, pois apenas o LD é incapaz de alcançar todos os objetivos necessários para que haja um processo de ensino-aprendizagem de qualidade. Assim, devemos considerar que a formação do professor, no âmbito educacional, não se encerra com a obtenção do título de graduação no curso de licenciatura, mas deve buscar uma formação contínua para que possa exercer o seu papel fundamental de mediador do ensino e buscar sempre introduzir outras técnicas e fontes de pesquisas, além de adquirir novos conhecimentos e assim, desenvolver novos e atrativos métodos que possam vir a preencher essas lacunas presentes no LD.

Por fim, consideramos que esta pesquisa não é conclusiva, mas está aberta a outros olhares que possam acrescentar outras possibilidades de tornar o ensino da história da LP significativo no processo de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Variantes diatópicas e diastráticas na língua portuguesa do Brasil. **Revista de Pós-Graduação em Letras**, João Pessoa-PB, v. 12, n. 2 Dez/2010, p. 35-50. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/10907>. Acesso em: 06 jun. 2023.
- ASSIS, Maria Cristina. **História da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6963916-Historia-da-lingua-portuguesa.html>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é como se faz**. 44. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- BAGNO, Marcos. **Gramática Histórica: do latim ao português brasileiro**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2016.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português, linguagens, literatura, produção de gêneros e gramática**. 3. ed. São Paulo: Atual, 1999.
- COELHO, Izete Lehmkuhl. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC, 2010. Disponível em: [https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica\\_UFSC.pdf](https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf). Acesso em: 06 jun. 2023.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FRAGA. Educação Em Língua Materna: A sociolingüística em sala de aula. *Todas As Letras*, ano 7, n. 2, 2005.
- ILARI, Rodolfo. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. 2. ed., 6. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 3. ed., v. 1. São Paulo: Cortez, 2009. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/868>. Acesso em: 06 jun. 2023.
- PATRIOTA, Luciene Maria; PEREIRA, Paulo Ricardo Ferreira. O lugar da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Revista Letras Raras**, v. 7, n. 2, p.

289-307, 2018. Disponível em:

<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1066>. Acesso em: 30 abr. 2023.

RODRIGUES, Maria Lúcia.; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti. (org.). **Metodologias Multidimensionais em Ciências Humanas**. Brasília: Líber Livros Editora, 2006

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.